



Barbosa Lessa

NÃO TE ASSUSTA, ZACARIA!

Dois Atos de Barbosa Lessa (da S.B.A.T.)

Personagens:

CELITA -- _____
CESÁRIO -- _____
VÍRSIO -- _____
SEU GRACIANO -- _____
ZACARIA -- _____

CASTIANO, violonista -- _____
CANGUÇU, acordeonista -- _____
RUANA, de cabelos claros -- _____
ZEPINHA -- _____
NADINA, a menina -- _____
NÉRSIO, o gurizote -- _____
GATEADO -- _____

Atenção

A única exigência do autor -- além de um razoável nível de interpretação dramática e coreográfica -- é que o figurino regional obedeça à realidade histórica. Mais ou menos anos 30. Homens: bombachas. Moças: vestidos tamanho midi.

CENÁRIO. À direita, um rancho de torrão coberto de palha santa-fé (4), com uma porta (5) e três janelas (6,7,8). À esquerda, vem uma cerca de arame, dobra na esquina 1 e vai em diagonal para o fundo, unindo-se em 2 a um trainel pintado onde a cerca se prolonga até coxilhas ao fundo. Perto da cerca, um barril de "arrastar água", sobre forquilha horizontal (11). Perto da porta, no terreiro, um banquinho rústico (16). A janela 8 estará sempre fechada, em todo o espetáculo. Iluminação: no Primeiro Ato, luar batendo sobre o teto santa-fé, e luz alaranjada de lampião se projetando do interior do rancho para o terreiro através da porta. Sonoplastia acentua ruídos noturnos, de grilos.

No Segundo Ato, entra a carreta de bois (3) com o varal apoiado sobre um dos fios da cerca de arame. A iluminação é bem mais forte: luz de lâmpões se projetando através da porta e das janelas 6 e 7, mais um lampião pendurado no canto 10, e pode haver um ou dois lâmpões pequenos pendurados dos "fuêros" (esteios laterais) da carreta. Bancos e banquinhos individuais estão espalhados no terreiro (12, 13, 14, 15), e durante a festa Gateado trará mais um banco, 17, para os noivos se sentarem.

DADOS PARA A DIVULGAÇÃO:

As danças tradicionais gaúchas já haviam desaparecido do ambiente urbano e rural, mas de 1950 a 1952 os estudantes Barbosa Lessa e Paixão Côrtes tomaram a iniciativa de realizarem, por própria conta, pesquisas em todo o Rio Grande do Sul, entrevistando pessoas idosas, e terminaram reconstituindo tais danças, com a colaboração da chamada Invernada Artística do CTG "35", de Porto Alegre. A partir daí, começou uma lenta divulgação da coreografia gauchesca. Mas em 1955 Barbosa Lessa decidiu-se a apressar tal processo de difusão. A expensas próprias, montou o espetáculo "NÃO TE ASSUSTA, ZACARIA!" ~~para-se~~ ^{para} mostrar, de cidade em cidade, a desconhecida beleza dos ritmos gauchescos. A estreia deu-se no Teatro São Pedro, de Porto Alegre, em 1956, contando com Paixão Côrtes no papel-título, Zacaria. Seguiu-se uma excursão por todas as regiões do Rio Grande do Sul, já com Glenio Perez interpretando o personagem principal. Direção: Barbosa Lessa. Produção: Sady Scalante. Secretária Executiva: B. Madruga Duarte. O espetáculo atingiu plenamente seus objetivos no Rio Grande do Sul, com a imediata fundação de inúmeros CTGs e respectivas "Invernadas Artísticas". Também em São Paulo ZACARIA alcançou excepcional sucesso de crítica e público, tendo Barbosa Lessa recebido o troféu de Autor-Revelação, conferido pela Associação Paulista de Críticos Teatrais. Na ocasião, escreveu o jovem repórter Joseph Zukauskas: "É uma peça de encomenda para quem se propõe chamar a atenção dos responsáveis por nosso Teatro para um rumo que ninguém até hoje se animou a seguir: o reencontro do nosso passado, a utilização cênica das inexauríveis fontes do nosso folclore. Tudo isto e teatro, é Rio Grande do Sul. do chapéu as botas, tudo portanto e Brasil".

PRIMEIRO ATO

O cenário está sendo descortinado, enquanto se escutam os grilos e, em fundo, os acordes introdutórios da canção "ANDARENGO". O facho de luz sobre o terreiro é agora recortado pela silhueta de Celita, que vem vindo lentamente no interior do rancho. Começando a cantar "ANDARENGO", ela olha o céu estrelado, as doxilhas ao fundo, senta-se no banquinho 16. Ao iniciar a parte em que fala para o tropeiro ("Deixa essa vida e vem morar...), ergue-se, animando-se à medida que imagina a vida a dois. Entrementes, Cesário apareceu do fundo (subentendendo-se que tenha vindo do galpão) e põe-se a escutar Celita, sem que esta se aperceba de sua presença. Os últimos versos são, novamente, tristonhos:

tanta coisa pra falar...
só a poeira pra escutar...

- CESÁRIO - (Pausa. Terno:) Só a poeira? Ninguém mais pra te escutar? Eu sempre te escuto, minha prima...
- CELITA - (Sem olhá-lo) Por que tu não me deixa eu ficar sozinha comigo mesmo?
- CESÁRIO - Não vim aqui no terreiro por tua causa: vim só avisar que o Vírsio, ali no galpão, já está querendo voltar prá estância, quer se despedir de ti e do meu tio. Mas quando te vi cantando...
- CELITA - (Corta:) Então vai avisar duma vez o meu pai, não faz o Vírsio esperar.
- CESÁRIO - Já vou, sim; mas antes querê te alembrear que essas coisa que tu cantava
- CELITA - (Corta, brusca:) Que é que tem?
- CESÁRIO - Um rancho... fogo-de-chão... cantiga dos passarinhos... isso só tem sentido quando hai mesmo bem-querê.
- CELITA - (Aproxima-se dele, com ternura:) Eu sei o que tu quer dizer, meu primo. Mas é diferente, eu nunca ia saber te explicar. Pra mim, que não tive irmão, tu que é o meu irmão, Cesário. Eu te quero muito, desse jeito ansim. Mas do que eu falo é diferente: é como se o meu coração fosse um rancho... frio... esperando que alguém acendesse um fogo-de-chão...
- CESÁRIO - (Sentencioso, lentamente:) Nós estamos no verão, agora. Queira Deus, minha prima, que as chuvas de inverno não venham te encontrar num rancho desprotegido, só, quando aqui, neste terreiro, tu sempre teve abrigo e calor. O verão não dura sempre... (Dá as costas a Celita e entra no rancho:) Tio Graciano! O Vírsio está indo embora. (Sai de cena).

Enquanto Cesário falava, Celita havia ficado apreensiva, absorta. Chega do fundo Vírsio, arrastando espora, e Celita apega-se à sua presença para reanimar-se:

- CELITA - Mas já vai indo mesmo, Vírsio?
- VÍRSIO - A demora era pouca, só uma chegadinha, pra saber se vancês precisavam de alguma coisa da Vila. Vou lá pra acertar uma tropeada e volto em dois dias. O que tu precisar... manda e não pede.
- CELITA - Então tenho um pedido a fazer. Mas não é encomenda da Vila: é que tu venha visitar a gente mais seguido. Tu sabe o que é a gente viver num posto de fundo de estância, solito, os vizinhos mais perto a mais de légua.
- VÍRSIO - Eu gosto muito de prosear com vocês, mas tu sabe, Celita, nesta época do ano, se a gente não aproveita a olada das tropas para ganhar mais um dinheirinho...

Seu Graciano vem do interior do rancho, acompanhado por Cesário, e vai enfiando a camisa por baixo do cinto-guaiaca.

GRACIANO - Uei, Vírrio, pensei que tu ia pousá aqui com a gente.

VÍRSIO - Já tô de cavalo ensilhado. E desculpe lhe tirar do ronco, Seu Graciano.

GRACIANO- Eu não tava dormindo, era só uma pestana pra ajudar a sentar a janta.

VÍRSIO - Quanto à sua encomenda, fique descansado que eu trago.

GRACIANO- E se a Sia Bela precisar de algum auxílio enquanto tu estiver fora, é como das outras vez: que o Negrinho dê uma galopeadinha inte aqui avisando.

VÍRSIO - (Já tirando o chapéu para despedir-se:) Muitas gracia, vocês são uns vizinho macanudo mesmo. Mas bueno, então...

Sonoplastia: latidos de cachorros. Todos olham na direção oposta ao rancho. Cesario dirige-se um pouco para o lado da cerca, ralhando os cachorros.

CESÁRIO - Já deitá, Guarani! Já deitá, Diana!

GRACIANO - Uei, o que é que deu nos cachorro?

VÍRSIO - Será que tá chegando alguém?

CELITA - A essas hora?

GRACIANO- Se fosse alguém, os quero-quero gritavam desde lá o alto.

VÍRSIO - Mas desta vez os quero-quero deixaram um vivente passar, sem dar sinal: olha ali, ali na coxilha, um vulto, a cavalo, com a luz da lua batendo -- estão vendo?

CESÁRIO - (Saindo de cena à esquerda, para ver mais de perto:) Tô vendo, sim. Cala a boca, cachorro! já deitá, Guarani!

Sonoplastia corta os latidos. Pausa. Fóra, ouve-se a voz de Zacaria: "Oh de casa!" Responde Cesário: "Se apele, no mais."

GRACIANO - Quem é, ein, Cesário? Já vi que o cavalo é uma porqueira...

CELITA - Quem é, ein, meu pai?

GRACIANO- Não tô conhecendo, nem o andante, nem o cavalo. Um matunguinho.

ZACARIA - (Semi-aparecendo à esquerda:) Que tal le vai, Cesário?

CESÁRIO - (Semi-aparecendo, e abraçando:) Mas quem haverá de ser?! Dá cá um abraço, tchê!

VÍRSIO - (Alegremente:) Mas olha quem tá aí!

GRACIANO- O Zacaria!

CELITA - O Zacaria!!

Entra Zacaria, vestido com extrema pobreza: uma boina, alpargatas velhas, relho pendurado no cabo da adaga. Cumprimentos gerais, com alegria. Palavras ad libitum. Soluções de marcação à base de sentarem nos banquinhos trazidos para o terreiro. Enquanto isso:

CELITA - Bem diz o ditado: quem é vivo sempre aparece.

ZACARIA - Por mais que a gente rode o mundo, o mundo é redondo e a gente volta: voltei!

VÍRSIO - Onde é que tu andava agora?

ZACARIA - Domando uns potro numa estância no Uruguai.

CESÁRIO - Sempre correndo mundo, ein!

ZACARIA - O que é que eu vou fazer? é sina de andejo.

VÍRSIO - "Sina de andejo"...! Boa desculpa, essa, pra viver na boa vida.

- ZACARIA - (Sério:) Isto é o que tu e todos pensam. (Fundo:) Mas ninguém havera de viver comendo o pó da estrada, se tivesse um rancho seu donde morar. (Pequena reação de Celita e Cesário).
- CELITA - Tu já jantou, Zacaria?
- ZACARIA - (Alegre:) Antes de vir pra cá, boiei na estância.
- GRACIANO- O patrão tá bem?
- ZACARIA - Louco de especial, o velho. E o Gateado mandou um recado: qualquer domingo aparece aqui pra lhe ver.
- CELITA - Mas um chimarrão tu aceita, não é?
- ZACARIA - Não refugo.
- CELITA - (Apanha cuia e sai para o interior do rancho:) Vou dar uma virada na erva.
- ZACARIA - E outro recado: da Zefinha.
- GRACIANO - (Cortando:) Te abanca, Zacaria. (Aponta um dos banquinhos)
- ZACARIA - Ela manda dizer que suas bombacha nova já tão quaje pronta.
- GRACIANO - (Para Cesário e Vírsio:) Vamo sentando, gente. (Para Zacaria:) Moça prendada, a Zefinha. E que mão pra fazer umas bombacha! como capricha nos ninho-de-abelha!
- ZACARIA - E sempre boazinha. Nunca vi a Zefinha com a cara feia. O tipo da moça pra um vivente se dar bem a vida inteira.
- VÍRSIO - (Gozador:) Aí, ein, Zacaria! te peguei-te!
- ZACARIA - (Meio encabulando:) Uei, tô falando por falar, é a verdade, e nada mais.
- CESÁRIO - (Também gozador:) Acredito! Nesta nós te peguemo, Zacaria. E faço gosto! A Zefinha é flor de chinoca.
- VÍRSIO - (O último a sentar-se) Eu já tava de saída, Zacaria; mas tu deve trazer muita notícia desse mundo afóra.
- GRACIANO- Seguido eu falava prá Celita minha filha: "Por onde andará o Zacaria? faz horas que não nos aparece". (Para dentro do rancho:) Não é mesmo, Celita?
- VOZ DE CELITA (no interior do rancho:) -- Bem ansim. Nós sempre falava em ti.
- ZACARIA - E eu, então? volta-e-meia me alembrava de vancês. Desde gu-ri novo, sempre gostei deste rancho. A finada Carminda (retira a boina e torna a colocar), como era minha amiga, a coitada.
- CELITA - (Aparecendo à porta para jogar ao chão um pouco de erva da cuia) É, a finada minha mãe sempre te tratou como se fosse um filho. (E volta para o interior do rancho)
- ZACARIA - (Tornando a movimentar a boina) Que Deus lhe tenha na Santa Glória.
- CESÁRIO - Mas afinal? a saúde de quê tu bateu com os costado por aqui, tchê?
- ZACARIA - Pois ora, Cesário: eu sempre tive muita consideração aqui pelo Seu Graciano. (Graciano reage, com orgulho) E como parece que agora vou mudar de vida... queria comunicar as minhas intenção (para Graciano) em premero lugar pra o senhor.
- GRACIANO - (Desconfiado:) Mudar de vida? Em premero lugar pra mim? Não tô te entendendo...
- ZACARIA - Pois já vai entender. O causo é o seguinte... (Meio "encabula", depois toma coragem:) Vou me casar, Seu Graciano.
- Vírsio e Cesário explodem numa gargalhada. Seu Graciano também ri. Zacaria fica sério, contrafeito.

- ZACARIA - Não tô sabendo onde é que está o engraçado...
- VÍRSIO - (Rindo, para Cesário:) Este Zacaria não tem remédio. Vem com cada história!
- CESÁRIO - (Para Vírsio:) Vai ver que é empulhação... Ele quer nos pegar nalgum trote... (Torna a olhar para Zacaria, divertido).
- GRACIANO- (Tentando impor seriedade ao assunto:) Mas deixem o homem falar. Pode dar o acauso de ser verdade. Quem é a noiva?
- ZACARIA - O senhor não conhece. É lá da fronteira. Um dia, numa doma de potros, levei um golpe, fiquei muitos dias atirado num pelego, num galpão, e
- VÍRSIO - (Interrompe o relato, brincalhão:) Mas como é que tu vai casar, Zacaria? se tu vive sempre voando dum lado pra outro....!
- ZACARIA - (Estava olhando para Graciano, volta-se rapidamente para responder a Vírsio:) João-de-barro também voa. E casa, não casa? (Retornando a Graciano:) Como estava le dizendo, um dia, levei um golpe numa doma de potros, fiquei atirado num galpão, os dias se passavam e eu ali, sofrendo; e aí então apareceu-me a moça. Lhe digo, Seu Graciano:
- CESÁRIO - (Divertido:) Mas como é que tu vai casar, se anda sempre numa miséria dessas?
- ZACARIA - (Voltando o olhar para Cesário:) Mas quando a miséria é grande mesmo, em dois até que é mais divertido! (Retornando a conversa seria:) Os dias se passavam, Seu Graciano, e quando a moça me apareceu, foi como um sol pra o meu viver desgarrado. Ali no mais compreendi que, com ela
- VÍRSIO - (Torna a interromper:) Mas qual é a moça que vai querer casar contigo, sem dinheiro pra nada, um pelado?
- ZACARIA - (Para Vírsio:) Ah mas eu sou que nem osso de rabada: pelado, mas gostoso!
- Cesário e Vírsio continuam rindo, Seu Graciano tenta manter seriedade, aproxima-se Celita trazendo cuia de chimarrão e alcançando a Zacaria.
- CELITA - (Contagiada pela alegria de Cesário e Vírsio) * Stá o mate, Zacaria.
- GRACIANO- Tu ouviu, menina? O Zacaria diz-que andava numa estância, domando, e lá um belo dia
- CELITA - Ouvi. Este Zacaria tem cada uma! (Para Zacaria) E o que é que tu pensa fazer depois de casado? Vai continuar correndo mundo, é?
- ZACARIA - (Levanta-se, dá passadas pelo terreiro, fala com convicção e romantismo:) Não, Celita: vou viver para o meu rancho. Ah! com aquela chinoca me fazendo agarrar amor as casa, garanto que minha vida muda de um tudo. Faço lavoura, criação, e hei-de me agachar a trabalhar, garanto!, que se me descuido até os poste de alambrado dão cria. (Da um último sorvo na cuia de chimarrão)
- CELITA - Tô duvidando! tô duvidando!
- ZACARIA - (Voltando, lentamente, na direção de Celita:) Pois te garanto. Caso num dia, e já no outro dia, cedito, tô de enxada na mão, forcejaaaando. (Devolve a cuia para Celita).
- CELITA - (Exagerando, divertida:) Já no outro dia cedo, Zacaria?, mas que barbaridaaaade...
- ZACARIA - ("Envareta":) Bueno... quer dizer... não é?... Com esse corre-corre pra tratar dos papel, ir na Igreja, falar com o juiz, lá na fronteira tudo é muito longe, leva tempo, o melhor e pegar o serviço uns dois dia despôs, não é?, periga eu ainda estar de perna meio frouxa...
- CELITA - Ah, bom... (Agora entrega a cuia, novamente cheia, ao pai, e vai sentar-se num pelego, ao chão).

- GRACIANO - Mas afinal de contas, Zacaria, pra quando é que vai ser esse tal de teu casório?
- ZACARIA - (Muito triste:) Pois aí é que a porca torce o rabo, Seo Graciano. Tão me faltando ainda uns perparo, uma coisinha e outra, que nem sei quando vou poder casar...
- VÍRSIO - (Intrigado, para Cesário:) Mas não é que ele parece que tá falando sério...?
- CESÁRIO - (Também intrigado:) Pois, pelo jeito... Essa, te juro que não entendi.
- GRACIANO- Mas, meu filho, se é verdade que tu tá com boas intenção, prometendo até virar um trabalhador-de-mão-cheia, a gente não pode perder a olada de te prestar um auxílio. Bamo vê: o que é que tu tá precisando ainda? Quem-sabe se a gente dá um jeito.
- VÍRSIO - (Sério:) Pois é, tchê, não te acanha e vai dizendo o que te falta. Não te esquece do ditado: "os cavalo e os amigo são pras ocasião de aperto".
- ZACARIA - (Como se somente naquela hora tivesse se lembrado:) Ah, pois foi bom o amigo ter falado em cavalo: tá uma coisa que eu já tava me esquecendo. (Apontando para o lado de onde chegou:) Vocês viram o pilunguinho em que cheguei. Nem sei como é que o coitado conseguiu chegar até aqui. E isto que foi só comigo amuntado. Que-dirá voltar da Igreja com a minha noiva na garupa.
- CELITA - É, Zacaria, com um matungo assim, não dá. (Convicta:) Se fosse eu a noiva, arrefugava na saída da Igreja e batia o pé: não vou! não vou! não vou!
- ZACARIA - Se tu pensa ansim, do mesmo jeito deve de pensar ela. (Muito acabrunhado:) E por aí vancês todos já começaram a entender a minha agonia, é capaz do casamento só fiar na doce ilusão da vontade.
- CESÁRIO - (Pausa. Durante a pausa, terminou de fechar um cigarro de palha e agora oferece o fumo a Zacaria:) Quer fazer um cigarro também?
- ZACARIA - Agora não posso, gracias; tô muito triste.
- CELITA - (Pausa.) Tu tá pensando casar na Igreja, com todo o respeito, sacristão e
- ZACARIA - (Interrompe-a, absorto) Quando eu penso quanto cavalo de lei eu já domei, pra um mundo de patraõ... Quanto potro danado eu já amansei com esses braço que Deus me deu... Quanto cavalo de boa estampa já ensinei de redea. E na hora em que eu preciso dum... não é, Seo Graciano?
- GRACIANO- (Pensativo, comovido:) É. A vida é ansim mesmo. (Pausa). Zacaria... eu tive pensando... Tu te alembra daquele último cavalo que tu me domou?
- ZACARIA - (Interessado, ergue-se um centímetro do banco) O tostadinho aquele?
- GRACIANO- O tostadinho aquele.
- ZACARIA - (Em cima, erguendo-se mais:) De estrela na testa?
- GRACIANO- O tostado-estrela, sim.
- ZACARIA - Filho da égua Bonégra? (Num crescendo)
- GRACIANO - Filho.
- ZACARIA - Mas aquilo é um ca'alito especiallll, seu!
- GRACIANO - Já recusei muita oferta por ele.
- ZACARIA - Eu sei!
- GRACIANO - Vender não vendo, pra ninguém.
- ZACARIA - Faz bem!

- GRACIANO- (Com falsa modéstia) Pois se te servir, Zacaria...
- ZACARIA - (Incrédulo:) O que é que o senhor tá dizendo, Seu Graciano?
- GRACIANO- Pois se é um cavalo o que tá te faltando...
- ZACARIA - (Cai sobre o banquinho, tornando a sentar-se, dramático:) Não tenho coragem de aceitar, ah! não tenho.
- GRACIANO- Mas por que, vivente?
- ZACARIA - Inté parece uma exploração do sentimento alheio; não dá pra ser. (Peremptório:) Não!
- GRACIANO- Mas afinal, meu filho, nós não semo tão amigo? (Tenta convencer Zacaria:) Não há nada de mal.
- ZACARIA - Ora, Seo Graciano, tudo na vida tem as suas devida medida. Tá certo que o meu ruaninho seja uma porquêra; mas o seu cavalo tostado-estrela passou dos limite, se bandeou, é demas. Só se o senhor por acaso tiver um outro qualquer, nem tao bom nem tão ruim, que dê pra o gasto -- tem?
- GRACIANO - (Pensa.) Outro? (Torna a pensar. Tem uma idéia, decide-se:) Olha, Zacaria, tá decidido, é o tostado-estrela mesmo, faz de conta que é um presente da finada, a Carminda lá no céu deve tá contente de vêr tu te ajeitando na vida, tá? entendeu?
- ZACARIA - (Dando de ombros, diante do irremediável:) Bueno... (Retira a boina e faz uma saudação, olhando para o céu)
- CESÁRIO - (Entusiasmado:) Pode ter certeza, Zacaria, este foi um presentão. Tenho amuntado no tostado, é mesmo macanudo no serviço de campo, te juro.
- ZACARIA - (Com orgulho+) E precisa jurar? pois não fui eu que domei ele?
- CELITA - (Com camaradagem:) Essa foi melhor que a encomenda, ein, Zacaria? Em boa hora tu veio participar o casório ~~para~~ pra o meu pai. (Tom, interessada:) Mas agora eu é que quero saber. Me fala da tua noiva. Como é que ela é? Bonita? Boazinha? O nome?
- ZACARIA - (Absorto:) Mas me parece que ainda tava faltando uma outra coisa além do cavalo. (Para si:) O que era mesmo, ein, Zacaria? (Para Celita, caíndo na realidade:) Tu me falou alguma coisa, guria?
- CELITA - Me descreve a tua noiva! Como é o nome dela?
- ZACARIA - (Sem dar muita atenção ao assunto:) É Maria. Não é "lá essas beleza", mas dá pra o gasto. Trabalhadeira, lá isso é.
- VÍRSIO - (Corta:) O que é que tu tá com essa cara de preocupado, Zacaria? Ta pensando em quê?
- ZACARIA - Quando eu vinha no caminho, me alembrei que faltava uma outra coisa. Ora deixa eu me alembrear... o que é, cristão?... cabeça velha que anda pelas carona... era o quê?... Ah, já sei! Uns arreio meio novo, pra ensilhá. Sim, porque um cavalo, por melhor estampa que tenha, desaparece se não tá com os arreio tinindo.
- CELITA - (Entregando cuia de chimarrão a Vírsio:) Lá isso é verdade.
- CESÁRIO - E arreio tu também não tem?
- ZACARIA - Tenho umas garra velha, só.
- CESÁRIO - E não dá pra tu comprar uns apero novo e ir pagando aos pouquito, com o dinheiro das tuas doma?
- VÍRSIO - (Entrando no assunto, com voz forte, mas calmo:) Zacaria meu irmão; tu sabe que eu sempre me agradei da tua cara, acho que tu é ~~um~~ índio pra-lá-de bueno, leal, amigo,
- ZACARIA - (Muito desvanecido:) Ora, são suspensórios da sua parte...
- VÍRSIO - ... e tenho uma riqueza pra oferecer a um amigo: aquele arreio cabeça-prateada -- tu te alembra dele? -- que herdei do meu

avô, e que quaje não uso por causa das tropeada, no serviço pesado o que vale é um serigote forte. Pois tu querendo o cabeça-prateada...

- ZACARIA - (Ergue-se e abraça Vírsio) Mas bah, tchê! tu nem imagina o quanto eu fico agradecido: o cavalo tostado que era do Seo Graciano, enfeitado com os aperiço cabeça-de-prata que era teu, vai ficar uma loucura de tão lindo! (Caindo em subita depressão:) Pena é eu em cima dele, não é? Vestido ansim desse jeito... um laçoi... só alpargata, nem bota eu tenho mais, ao menos se eu tivesse um par de bota... (Senta-se, desanimado, junto a Graciano) Se isso é noivo que se apresenta!
- CESÁRIO - (Pausa) Mas, inda que mal pergunte, Zacaria... qual o número que tu calça?
- ZACARIA - (Olhando interessado os pés de Cesário) 42 bico chato. E tu?
- CESÁRIO - Eu, 41.
- ZACARIA - Ah, pois 41 me dá dereitinho, é só puxar os dedo meio ansim (encolhe os dedos da própria mão).
- CESÁRIO - (Ia acender o cigarro, batendo a pedra do isqueiro de guampa) Eu tenho um par de bota nova lá no galpão, se tu quiser experimentar...
- ZACARIA + (Sobe bastante o tom:) Nem precisa ver, garanto que tá especial! E desde agora te agradeço as bota e o poncho-pala.
- CESÁRIO - (Interrompe o gesto de acender o cigarro:) Uei, poncho-pala? (Para os demais:) Eu falei em pala?
- ZACARIA - (Para os demais:) Vancês não escutaram? Decerto ouvi mal, então.
- CESÁRIO - Acho que não falei, não.
- ZACARIA - Pois eu tinha quaje certeza que tu tinha me oferecido aquele teu, aquele... (CARACTERIZAR CONFORME FOR O PALA A SER USADO POR ZACARIA NO SEGUNDO ATO, por exemplo:) ...aquele pala branco com lista azul... não foi?
- CESÁRIO - Ih, Zacaria, tu nem sabe: aquele pala tá meio passado de velho, vive atirado ali no armário (aponta para dentro do rancho), até uns rasgão já tem.
- ZACARIA - Mas tu te esqueceu que a Zefinha costura que é uma mão-cheia, quando eu for de volta dou uma chegadita na estância e peço pra ela fazer uns remendo, garanto que fica como novo, garanto.
- CELITA - Sempre "a Zefinha", "a Zefinha"! As bombacha do meu pai, só "a Zefinha" que pode fazer. E por aí afóra. Será que eu não sei pegar duma agulha e linha?! (Levanta-se no rumo da porta) Onde é mesmo que tu disse que tá o pala, Cesário?
- CESÁRIO - (Tentando contê-la com a mão direita espalmada:) Mas Celita...
- ZACARIA - (Para Celita:) Ele disse no armário aí dentro. (Ela segue. Ele volta-se para Cesário:) Ora, Cesário, deixa a tua prima demonstrá que também é prendada. Só "a Zefinha", só "a Zefinha", tu também, é?
- GRACIANO - (Entrando na conversa:) Tu viu como a minha filha é decidida? E tu viu como ela te apreceia?
- ZACARIA - Todo mundo me apreceia aqui neste rancho, Seo Graciano. Chego a ficar comovido, não mereço tanto.
- VÍRSIO - Em dois minuto tu arrumou tudo, não foi? Cavalo, arreio, o par de botas.
- ZACARIA - (Confirmando, rapidamente:) E o poncho-pala.
- VÍRSIO - Um presente atrás do outro.
- ZACARIA - Encordado que nem teto de porca.
- VÍRSIO - (Divertido:) E agora tu já pode casar, não é?

- ZACARIA - Mas claro!! Agora já dá! Como não! Tá tudo em ordem!
- VÍRSIO - Pois fico contente.
- ZACARIA - Te garanto, Vírsio: amanhã mesmo eu já ia poder me casar... (tom:) se não fosse uma coisinha que tá empacando o matungo...
- GRACIANO - (Já meio "perdendo a esportiva":) Não inventa que tem mais alguma coisa ainda, Zacaria...
- ZACARIA - Não tô inventando nada, Seu Graciano, é a pura realidade da vida.
- GRACIANO - E qual é o problema, agora?
- ZACARIA - O senhor sabe, melhorado que ninguém, que eu nunca tive rancho, rancho meu, sempre vivi por aí, rolando, aos tombo que nem mala de louco.
- GRACIANO - (Reage, na mesma hora:) Ah, esta não, Zacaria, vai cantar noutra freguesia, mas aqui o meu rancho, não! tu vai querer morar aqui?!
- ZACARIA - O senhor tem cada idéia, Seu Graciano, puxa! Quando que ia me passar pela cabeça de vir me arranchar aqui! Até o senhor está mex confundindo. (Meio "ofendido":) Então lá seu eu que nem passarinho vira-bosta, pra botar os ovo no ninho dos outro?! Eu?! (Levanta-se, dá passadas nervosas, depois vai se acalmando.) O caso é o seguinte, Seu Graciano. Veja se o senhor entende. A minha noiva, a Maria, é trabalhadeira, dedicada, mas pobre que nem eu. Foi criada guaxa, também não tem casa, vive com os patrão que pegaram ela pra criar. Sabia?
- GRACIANO - Comê é que eu ia adivinhar...?
- ZACARIA - Mas tá sabendo agora. Então, o motivo da minha viajada até aqui não foi um, foi dois. Participar o casório pra o meu amigo Seu Graciano, prá Celita, pra o Cesário, pra todos. Mas ao mesmo tempo aproveitei e já conversei com o patrão, agora nascruzada aí pela estância. Eu contei pra ele a minha tenção de sentar pouso. Ele até que me encorajou munto. Entonce, conversa vai conversa vem, terminemo nos acertando. Ele vai montar um outro posto da estância -- ansim que nem aqui o seu -- mas lá no outro fundo do campo, pra os lado do finado Gratulino
- GRACIANO - (Interrompe, apoiando a idéia) Há muito tempo eu digo pra ele que faça dois posto, eu sozinho com o Cesário não dou conta!
- ZACARIA - Pois então lhe dou a notícia que, casando eu, o Velho Meireles me manda levantar o rancho e eu fico de posteiro, lá, seu vizinho -- viu que lindo?
- VÍRSIO - É verdade mesmo, Zacaria?
- ZACARIA - Verdade verdadeira.
- VÍRSIO - (Levanta-se e vai apertar a mão de Zacaria:) Puxa, meus cumprimentos, índio velho! Tu merece. Agora, sim, acredito que tu vai melhorar de vida.
- CESÁRIO - (Também vai cumprimentá-lo) Felicidades, companheiro.
- ZACARIA - Gracias, gracias. (Retorna rapidamente para Seu Graciano:) Mas, como eu quero casar ligeirito, em seguida, talvez o rancho não fique pronto até lá, ou fique pronto pela metade, só um quartinho e a cozinha, lá sei eu. E entonce veja o baita negócio que o senhor acaba de fazer, Seu Graciano: o senhor ~~parou~~ levou um susto deste tamanho, pensando que eu queria morar a vida inteira na sua casa, e já pode respirar aliviado: estou pedindo, apenasmentes, que, se não for incômodo -- pois não quero atrapalhar a vida de ninguém -- que o senhor me emprestasse o rancho, aqui o terreiro, só por uma tarde e uma noite, uma noitinha só, nem toda a noite,

pra eu poder receber o abraço de meia-dúzia de amigo, fazer um fandanguinho, coisa-e-tal, coisa de nada, uma gaita e um violão, no máximo umas dez pessoa -- o senhor vai me dizer que estou abusando da sua bondade? Crede!

GRACIANO - (Firme:) Este rancho é muito pequeno, mui apertado. Aqui não dá. Aqui não.

ZACARIA - (Pausa) O senhor acha, é?

GRACIANO - Achar, não: tenho certeza.

ZACARIA - (Pausa.) Então, não tá aqui quem falou. (Vai sentar-se num dos banquinhos, e ali fica, cabisbaixo, em meio ao silêncio que desabou no terreiro).

CELITA - (Retornando ao terreiro, com o pala, agulha e linha) Aqui está o pala, Zacaria. Ainda está lindo, é só dar umas costuradilha donde rasgou.

ZACARIA - (Dramático:) Acho que não precisa costurar mais nada, Celita. Pode devolver pra o Cesário, e mil gracias. Não vai ter casamento mais.

CELITA - Uei minha Nossa Senhora, por que? (Olha em torno, em busca de uma explicação:) Por que, gente? (Mas ninguém responde)

VÍRSIO - (Pausa) Zacaria...

ZACARIA - (Renovando esperança) Por acaso me chamou, meu amigo?

VÍRSIO - Deixa a festinha por minha conta, que eu falo com a Sia Bela e garanto que ela cede o rancho, se é por um dia só.

CESÁRIO - A Sia Bela é muito disposta pra essas coisa. Uma boa lembrança, Vírsio! (Sua intenção é passar o problema para outra casa)

ZACARIA - Nem sei como agradecer, Vírsio. (Para Celita:) Pode costurar, agora. (Para Graciano:) E o senhor é o meu primeiro convidado, Seo Graciano; ainda com a vantagem do rancho da Sia Bela ficar pertinho, o senhor nem vai ter canseira de viajar.

GRACIANO - (Meio ressabiado:) Obrigado. Eu vou.

ZACARIA - Mas tu já pensou numa coisa, Vírsio?

VÍRSIO - (De pernas cruzadas, está batendo com os dedos na espora, tilintando-a:) Que coisa?

ZACARIA - Este negócio de tu ter assumido a festa vai te trazer um incômodo bárbaro.

VÍRSIO - Ora, não sei por que! (tilintando espora)

ZACARIA - (Durante esta fala, as esporas de Vírsio vão cessando de tilintar) Mas por causa dos convidado, tchê! Eu sei que não vai ter muita gente, só os amigo mais chegado, mas nós temo de dar bóia pra esse povo -- não é?

VÍRSIO - (Descruza a perna) Ucha que eu não tinha pensando nisso! Além do quê, Zacaria, nesta época eu ando quaje sempre tropeando, é capaz de eu nem poder ir na tua festa...

ZACARIA - Mas diz-que a Sia Bela faz umas linguça que é coisa fora do natural de tão buena; é verdade?

VÍRSIO - Não, linguça não; o povo diz que ela sabe fazê muito bem é doce.

CELITA - (Em cima:) Ih, ~~as rosquinha que a Sia Bela faz...~~ as rosquinha que a Sia Bela faz...!

ZACARIA - (Em cima, para Vírsio:) Então diz pra ela caprichar nos doce e não faz mal se a linguça não saia grande coisa, a gente adesculpa e só assim ela vai garrando prática. (Para Graciano, puxando alegria:) O senhor também gosta de doce, não é?

GRACIANO - Gosto.

ZACARIA - (Olha Graciano e os demais:) Mas que cara é essa, gente? Agora que tá tudo resolvido, ninguém mais me anima? (Grita:) Viva o noivo!!

TODOS - Viva.

ZACARIA - Tá todo mundo convidado pra o meu casório! (Intencional:) Quer dizer, não é?... a não ser que o Seu Graciano não deixe a coisa sair...

GRACIANO - Uei, diacho, o que é que tu tá me metendo de novo nessa história...? Eu já te dei o cavalo, eu já

ZACARIA - (ZACARIA ESTÁ NERVOSO, QUASE TRÊMULO, DESVENDA AGORA SUA OUTRA PERSONALIDADE, MUITO HUMANA, O SEU "OUTRO EU" ESCONDIDO SOB A CAPA DO GAUCHO ANDEJO E FOLGAÇÃO) Seu Graciano, deixe eu explicar. (SENTA-SE NO BANQUINHO AO LADO) Se não fosse ansim, de sopetão, eu não ia ter coragem. A história, até um ponto, é verdadeira. (SUA GESTICULAÇÃO EXPRESSIVA DESAPARECEU, AGORA ELE SE COMUNICA APENAS PELA VOZ EMOCIONADA) Eu tava numa estância em Piratini, domando uns potro, e lá um dia, galopando um redomão, o redomão tropicou numa cova-de-touro e me largou longe. Fiquei muito lastimado desta perna e deste joelho, sem poder caminhar, e bem "pas-mado" da cabeça. Cinco dias de cama, nos pelego do galpão, com a pionada da estância lidando no campo, e eu ali, horas e horas, solito. (SUSPIRA, RECORDANDO:) Foi brabo. (PEQUENA PAUSA, ERGUE-SE, DÁ PASSADAS LENTAS ATÉ O ARAMADO, VOLTA, COMEÇA A DAR VIDA A SEU RELATO) No primeiro dia eu variava como se a febre malina tivesse me batido. Pela minha cabeça escaramuçavam coisas desencontradas: a Revolução de 93 destruindo o ranchito do meu pai... a primeira vez em que eu, gurizinho de bombacha remendada, vim pedir emprego aí na estância do Velho Meirelles... a minha vida de andejo... o dia em que cheguei, com meu matunguinho perna-torta, aos plainos de Santa Vitória e, por primeira vez, vi o mar rolando, sem fim, no Hermenegildo... e o mar rolando e apagando este rancho aqui, aqui, donde tantas vez eu tive.

EM FUNDO MUSICAL, VALSA "JOÃO DE BARRO"

No segundo dia, desapareceram os tropeço de revolução, a vida andeja, a praia e o mar enorme; mas este rancho ficou. No meio do meu delírio, Dona Carminda tornava a me dar conselhos, (para Graciano:) o senhor ia me ensinando como laçar direito e como voltear uma rês, (para Celita:) e tu, mui picurruchinha e flaquita, brincando a meu lado com uma bruxa de pano. Te alembra?

CELITA - (Faz que sim, com as mãos mostrando o tamanho da boneca de pano -- entre feliz e triste:) Era aquela minha bruxinha assim...

ZACARIA - No terceiro dia desapareceram Dona Carminda e o senhor. Mas tu ficou, Celita, com a bruxinha, no meu pensamento. No quarto dia a dor do joelho passou, eu já andava até a mangueira, a cozinha, depois voltava ao galpão e ficava horas e horas tomando mate, ou pitando, solito. Solito, ainda. Solito, sempre. A vida toda tinha sido ansim. Então me puz a pensar na tristeza de não ter quem me fizesse um chazinho, ou uma afumentação, na hora em que a dor apertava... E a velhice, rolando de galpão em galpão, como seria? Então, quando o pasmo passou, eu disse pra mim mesmo: "Zacaria meu amigo, tu vai mudar de vida! Tu não vai ser mais um andejo sem eira nem beira."

(AGORA FALA PARA CESÁRIO E VÍRSIO ALTERNADAMENTE) É claro, meus companheiro, que eu sabia me pôr no meu lugar. Eu sabia que um peão pobre, que nem eu, não tem direito a casa nem esposa. Mas, com a ajuda de Deus Nosso Senhor, um home só não faz o que não quer. E Deus não hávera de ser maleva a ponto de negar um ranchito e uma mulherzinha pra mim. Se o João-de-barro, que é um passarinho flaquito, se agiganta pra construir sua casa, dias e dias latando, contra os gavião, contra as chuva, até ter a casa pronta e trazer a companheira, por que não hávera um home de se esmorecer à toa? Então, no sexto dia, larguei tudo, até os redomão que ainda não tinha terminado de domar, e me toquei, me vim sem atentar pra mais nada.

(PARA GRACIANO:) Quando cheguei aí na estância, contei pra pionada que eu ia casar, e todo mundo morreu de rir da brincadeira. Só a Zefinha e a Dona Eulália -- mulher tem mais tino pra essas coisa -- perguntaram quem era a noiva; e foi pra elas que eu inventei que o nome era Maria. Mas pra o Velho Meirelles, quando lhe pedi um posto no fundo da estância, eu disse a verdade: que a noiva era (PARA CELITA:) tu.

CESÁRIO - (PARA ZACARIA:) A Celita?!

VÍRSIO - (PARA CESÁRIO:) Eu logo vi; tu não viu?

CESÁRIO - (PARA VÍRSIO:) Mas a Celita...! (E TORNA A OLHAR ZACARIA, COM OLHOS INDAGADORES, TENSO.)

ZACARIA - Eu escondi a coisa enquanto pude, Seo Graciano. Escondi, na estância, porque não há de faltar alguém que muntasse a cavalo e viesse a toda: "See Graciano, se aperpare que aí vem o Zacaria, tá meio louco e inventou de casar com a sua filha!" Logo que eu chegasse o senhor já me desarmava com duas ou três pergunta: (IMITA SEO GRACIANO) "O senhor tem posses pra sustentar uma esposa? Tem campo? Tem emprego? Então com que é que o senhor conta pra casar, Seo Zacaria? Então o senhor está louco, é?"

Entenda, agora, Seo Graciano, que a coisa só podia ser assim ~~de repente~~, a moda Miguelão.

(MUITO SINCERO) Na verdade, Seo Graciano, eu não tenho campo, não tenho emprego, não tenho nada. Mas trago no coração, como meu grande tesouro, aquele mesmo ardor do joão-de-barro, um passarinho de nada, mas que a tudo vence pra construir ~~uma~~ felicidade.

O senhor pode ficar descansado. Sou moço, tenho saúde, sei agora o que quero da vida. Não vou poupar esforço para fazer a Celita mui feliz, num rancho com um terreiro bem varridinho, e com uma bruxinha de carne pra fazer xixi nas bombacha do vovô.

CESSA FUNDO MUSICAL "JOÃO DE BARRO"

Seu Graciano, durante todo esse tempo, esteve apalermado, apatetado. Zacaria está sorrindo para ele, à espera de uma resposta.

GRACIANO - (Conseguindo voltar a si, olha para Celita:) Mas eu nem sabia que vocês se namoravam...!

ZACARIA - (A PARTIR DESTA FRASE, VAI RETOMANDO, NUM CRESCENDO, O TOM FOLGAZÃO E DIVERTIDO) Bueno, até aí, nem nós sabia.

CELITA - (MEIO ATURDIDA) Mas tu gosta mesmo de mim, Zacaria, de verdade?

ZACARIA - Deixa de bobagem, guria, pois tu sabe que desde mocito nós se relinchemo lindo. (VÍRSIO começa a sorrir)

CELITA - Mas podia ser só amizade, uei!

CESÁRIO - (NERVOSO, TENSO:) Pode ser só amizade, Zacaria. De uma hora pra outra tu vai querer que ela goste de ti, é?

ZACARIA - "De uma hora pra outra" não senhor; já das últimas vez que andei por aqui, meu amigo, eu vinha dando uns tirãozito na rédea, pra ver se ela não concoveava.

CESÁRIO - E ela...?

ZACARIA - No principio tava meio dura de queixo mas agora sei que há-de cabrestear lindaço!

CESÁRIO - Mas Tio Graciano, isto não tá ^{certo} ~~suruika~~. O senhor não pode dar a Celita, se o Zacaria nem conhece ela direito!

ZACARIA - (Para Cesário:) Por isso não, quando a gente vai domar um potro também não conhece, mas, se o índio é bueno, afirma a espora, reza um padre-nosso e... não tem perigo!

- GRACIANO - (Zonzo) Eu não duvido que vocês se acertem bem, mas... mas pra quando tu pensa casar, tchê?
- ZACARIA - (Olhando Celita de alto a baixo:) Pois olhe, Seu Graciano, eu tô achando que a Celita já chegou bem no ponto. Olhe só: chega a tá estralando que nem fogo em taquaral!
- GRACIANO - Não, não é por esse lado que eu digo, o que eu digo é
- ZACARIA - Pra o fim deste mês eu acho que dá, é o tempo de correr os proclama, e a gente
- CESÁRIO - Pois eu acho que não tá bem, não. Afinal, ninguém morreu de bexiga, aqui, pra se enterrar o defunção nessa correria doida.
- GRACIANO - Acho que o Cesário tá com a razão.
- ZACARIA - Acha, mas não tá. Pra mim, casar é o mesmo que querer tomar banho de açude em manhã de inverno. Despôs da gente pelar a roupa e chegar na beira d'água, não pode pensar; pois se vem o frio... ah! bom, nem abaixo de pau o nego cai n'água! (VÍRSIO DÁ GOSTOSAS GARGALHADAS)
- GRACIANO - (Entrega os pontos) Já não sei o que dizer...
- CESÁRIO - Mas eu sei, e digo que a Celita precisa de tempo. Pra pensar. Pra se preparar. Não tem nada pronto, nem vestido de noiva tem!
- ZACARIA - (EM GERAL) Aqui pelas vizinhança não tem nenhuma moça casada de nova que eu pudesse visitar...?
- CELITA - (Ergue-se, aproxima-se carinhosa e dá seu "sim" ao pedido de casamento:) Não precisa vestido de noiva, Zacaria. Um vestidinho simples, desde que teje bem engomadinho, já serve. Os convidado sabem que o meu noivo é moço pobre, ninguém vai arrearar...
- ZACARIA - (Desaba um "quebra-costelas", entusiasmado:) Mais oigatê gostei de vê que muiézinha macanuda pra dizer as coisa!
- CELITA - (Sofredendo o golpe:) Aaaaai, Zacaria...
- ZACARIA - (Entre parêntesis, para ela:) É pra ir ta acostumando, ~~ganha~~. (PARA GRACIANO E CESÁRIO) Então, tá tudo certo?
- GRACIANO - (Ergue-se, meio sonâmbulo, para dizer algo:) Mas Zacaria...
- ZACARIA - (Abraçando, com o braço esquerdo, Celita, e gesticulando com o outro:) Amanhã mesmo ensilho o meu tostado-estrela... passo no rancho da Sía Bela prá pegá os meus arreio do Vírsio... já aporveito pra dizer que ela vá engordando o leitão para as linguíça... confirmo com o Velho Meirelles que ele me dê o Posto Novo... vou na Vila encaminhá os documento... na venda da Encruzilhada deixo recado pra o Canguçu vir tocar cordeona na festa e... É, tá tudo certo, não falta mais nada. -- Ah, tem uma coisa, Cesário: esta semana eu vou andar muito atrapalhado levantando o rancho novo, se tu tivesse tempo bem que podia me dar uma engraxadinha nas bota 41, não é?
- Cesário nada responde, sai para o fundo (galpão);
Virsio dá gargalhadas, Graciano ainda sonâmbulo.
- ZACARIA - (Após a tensão, sai subitamente em "relax". Dá um profundo suspiro e desaba sobre o banquinho, limpando o suor da testa.) Celita, meu bem... Me traz uma caneca d'água... (Ela sai correndo, feliz, para o interior do rancho). Puxa, as perna tão frouxa. (De si para si:) Também! se não fosse desse jeito a la louca, eu nunca haveria de ter coragem.
- GRACIANO - (Vindo apertar-lhe a mão:) Bueno... se é da vontade de Nosso Senhor... muitas felicidades, meu filho.

SEGUNDO ATO

A medida que o pano vai abrindo, lentamente, vê-se que a festa vai a meio caminho. Junto ao barril d'água, estão tocando o violonista Castiano e o acordeonista Canguçu. No terreiro, dançam Gateado com Ruana, Vírsio com Nadina e Cesário com Zefinha. É o final de um "VANERÃO".

Terminada a dança, há esta "operetazinha":

Castiano destaca-se e canta:

CASTIANO - "A festa tá especial,
todo mundo tá contente,
mas eu acho que os noivo
têm de vir dança com a gente!"

Os demais marcam o ritmo do chotes.

CORO - "Pois é!"

CASTIANO - "Chamemo eles, chamemo eles,
Chamemo os noivo pra dança
junto com a gente".

CORO - "Zacaria! Zacaria!
Traz a Celita
e vem dança
neste terreiro!"

"Zacaria! Zacaria!"

CASTIANO - Queremo os noivo pra dança aqui no terreiro!

CESÁRIO - (Visivelmente embriagado, apanha garrafa de cachaça no peitoril da janela?) Pra que chamar, seo? Ele já tá na tropa dos boi velho; que fique com os velho, então.

NADINA - Não diz assim, Cesário. Os noivo são moço, e lugar de moço é entre os moço.

ZEFINHA - (Tirando a garrafa das mãos dele, carinhosa:) Não bebe mais. Vem sentár comigo.

CESÁRIO - (Riscando o chão com as esporas.) Sentar eu não quero. Eu quero é dançar; riscar este chão a espora!

CORO - "Zacaria! Zacaria!
Traz a Celita e vem dança
neste terreiro!
"Zacaria! Zacaria!
Traz a Celita e vem dança"

Zacaria (extremamente frajola, bem vestido a gaúcha, com o pala de Cesário e outros bonitos elementos da indumentária gaúcha) surge à porta, com Celita pelo braço (ela com uma mantilha branca à cabeça).

ZACARIA - Já temo aqui. (Dois acordes)

Celita, semi-dengosa:

CELITA - Dançar não quero.
Tô tão cansada...

CORO - Jáááá?
RUANA - Já mesmo?

- CELITA - "Que é que tu pensa
a gente andá na correria
desde que nasceu o dia,
a lidá de lá pra cá?
Mas tu espera
que ainda vai chegá a tua vez..."
- RUANA - pois quando chegá mi'a vez,
ah! ah! ah! se eu vou cansá!"
- Todos riem, em trova:
- CORO - Ah ah ah ah ah ah ah ah ah!
ah ah ah ah ah ah ah ah!
- CASTIANO - Pois se a noiva já cansou,
tem direito a descansá.
Mas enquanto ela descansa
nós vamo continuá.
Vai pra um lado, Zacaria!
É melhor vocês sentá!"
- Dengosa e feliz:
- CELITA - Cesário... tu que é de casa,
podia trazê um banco pra nós
sentá?
- Imita os dengues:
- CESÁRIO - "Um banco pra os noivo sentá",
ora veja! Me desculpa, minha
prima, mas de hoje em diante
acho que não sou mais o teu
guri-de-recado. Por que tu
não manda o Zacaria? Ele até
já é mais "de casa" do que
eu.
- Pedindo desculpas:
- ZEFINHA - Ele bebeu demais, Celita...
- Triste:
- CELITA - Não diz assim, Cesário...
- Infantil:
- NADINA - O Cesário tá tão gosado, né?
- Tentando alegrar:
- ZACARIA - Ora, vocês não vêem que o Ce-
sário tá brincando? Eu mesmo
busco o banco.
- Mas Gateado já se adiantara
e vem trazendo dois banqui-
nhos.
- GATEADO - "Não precisa, meu amigo,
pois o banco aqui está.
Vou dança com esta morena
pra vocês apreciá!"
- Faz giro-saudação com Ruana.
- VÍRSIO - "Se esta dança é para os noivo
já me atiro e já me arranjo:
dentre todas as morena
vou bailar com este anjo!"
- Faz giro com Nadina, que não
estava esperando. Bruscamente:
- NADINA - Ai, Vírsio...
- Gateado, Vírsio, Ruana, Nadina
- CANTAM - "Dos bicho que anda em arv' e
eu gosto é do tico-tico,
mas na hora de bailar,
melhor bicho é o Maçanico!"
- Cesário-Zefinha também giram. TODOS = "Maçanico do Banhado!"
- CONJUNTO MUSICAL "ESTOURA" MAÇANICO. DANÇA: MAÇANICO
- CELITA -- (Muito alegre, levanta-se do banco e puxa Zacaria para uma próxima
dança:) Tava lindo, lindo, lindo! Até eu me alvorecei! Vamo dançar,
Zacaria?
- ZACARIA - Cadê o cansaço?
- CELITA - Sumiu.
- CANGUÇU - (Aproximando-se, com a gaita em punho:) Qual é a dança que a noiva quer?
- CELITA - Tô tão contente da vida que qualquer dança me serve. Vocês mesmo esco-

lhe, tá?

NADINA - De jeito nenhum. Quem tem de escolhê é a noiva.

CELITA - Escolher? Não quero não.

CORO - "Mas tem que escolhê".

CELITA - Digam vocês.

CORO - "Ai tem que escolhê"

CELITA - (Firme:) Não quero não.

NADINA - (Infantil:) Olhem, eu inventei um brinquedo! Nós vamo ficá tudo parado (para); de braço cruzado (cruza os braços); até tu escolhê.

RUANA - (Também cruzando os braços:) Isto mesmo! Eu sou a primeira.

VÍRSIO - (Idem) Segundo...

CELITA - (Para Zacaria:) E agora?

ZACARIA - (Também cruzando os braços:) Terceiro... (Pausa)

CELITA - (Meio encabulada:) Agora mesmo é que eu não sei dizê.

Enorme barulho de latas caindo no interior do rancho. Todos se voltam para a direção da porta. Entra Nérsio, gurizote gozado com suas bombachinhas denotando que ele cresceu e as bombachas ficaram, tem cara de bobo, olha em redor, finalmente balbucia:

NÉRSIO - Bueno... A culpa não foi minha...

CELITA - O que é que aconteceu, Nérsio?

NÉRSIO - Eu tava olhando ali... não vi que tinha coisa... dei uma asada... caiu.

VÍRSIO - (Repreendendo:) Desastrado, sempre! O que será que tu derrubou agora?

NÉRSIO - É umas folha de lata grande ansim, cheia dumas argola de massa-de-pão... lá sei eu.

CELITA - (Aos demais:) Xi!! É a massa que a Sia Bela tava preparando prá rosquinha daqui a pouco.

NADINA - (Choraminguando, afasta-se:) A massa das rosquinha?! Não tem mais doce hoje.

CELITA - (Para Nérsio:) Onde é que tá?

NÉRSIO - (Desolado:) Tudo no chão.

CELITA - (Tenta animá-lo:) Ora, Nérsio, não tem importância. Se não sujô a gente aproveita.

NÉRSIO - Mas chujô.

CELITA - (Vai para o interior do rancho, cruzando por Zefinha que vem trazendo cuia de chimarrão para alcançar a Cesário:) Deixa eu ir ver... e acalmar a Sia Bela quando ela souber do estrago.

CESÁRIO - (Repreensivo:) Isso foi bom pra tu aprender, Nérsio. Quando a gente vai numa festa, tem é que ficar junto das moça, com os grande, e não feito mosca-tonta pelos quarto.

NÉRSIO - (Protestando para todos:) Não, desde que os noivo chegaram eu tive aqui sempre, eu tava aqui com vocês, mas terminaram me escorraçando!

CASTIANO - Não sei por que.

NÉRSIO - (Quase chorando:) Uei, vocês dançam, dançam, nunca sobra guria pra mim.

ZEFINHA - Tu tá te queixando é de chorão, Nérsio. Pode ter certeza de que qualquer de nós fica contente de dançar contigo.

NÉRSIO - (Dengoso:) Ah isso eu não duvido, que as moça gostem de dançar comigo. (Protesta:) Mas os ~~XXXXXXXXXX~~ barbado é que atrapalha, credo!, parece tudo louco. Na voz de "pegá cavalo" é aquela polva-deira e, quando me dou conta, tô de freio na mão, na porteira do curral, e ~~XXX~~ nem rastro dos animal!

- RUANA - (Muito feliz junto a Gateado:) Com mulher não se bobeia, guri...
- GATEADO - Ora, piá, aqui é festa de amigo e gente pouca, tudo se ajeita. A gente vai trocando de par, tá? Olha: pra essa marca seguinte eu te cedo a Ruana.
- NÉRSIO - Eu?! dançá com a Ruana?! O senhor vai me ceder ela, mesmo? Mas isto é inté gastar pór'va em chimango!
- GATEADO - Mas uei, tu não te garante, piá?
- NÉRSIO - Me garantir, me garanto; mas, se o senhor me dá ela, com quem é que vai dançar?
- GATEADO - (Entregando-lhe Ruana:) Ora, não te preocupa: cavalo, faca e mulhé, só não muda quem não qué.
- RUANA - (Ofendida:) Bagaceira!
- CELITA - (Voltando do interior do rancho e indo ao encontro de Zacaria:) ~~Não me expresse~~ Não foi nada, Nérsio, a SiaBela e o papai ficaram brabos mas já está tudo certo. (Para os demais:) Mas vocês vão ter que esperar: a Sia Bela vai ter que preparar, de novo, toda a massa pras roaquinha.
- ALGUNS - (Ad libitum:) Ora que pena, só faltava essa, o Nérsio dá azar, etc.
- VÍRSIO - (Adiantando-se, com Nadina pela mão:) Pelos doce eu não me importo. Mas ficar parado no meio da festa é que não me agrada. Nós temo tudo esperando por ti, Celita.
- CELITA - (Esquecida) Por mim uei por que?
- CASTIANO - Mas claro! a festa não parou quando tuá ia esqolher a próchima dança?
- CELITA - Ah sim, foi mesmo. (Pensam um pouquinho:) Então tá: um chôte! Entrementes, Cesário vai até o fundo apanhar a chaleira de água, para tornar a encher a cuia que Zefinha lhe trouxera (Zefinha permanece junto à janela?). Em geral, há aplausos para a escolha do chotes, pois resolveu o impasse: "Muito bem, vamos dançar, etc".
- GATEADO - (Aproximando-se de Vírsio, que, feliz da vida, cochichava algo aos ouvidos de Nadina:) Se o amigo dá licença, eu queria bailar esse chôte com a Nadina.
- VÍRSIO - (Voltando ao ambiente:) Que é?
- GATEADO - Tô pedindo permissão pra bailar agora com a indiazita.
- VÍRSIO - (Cordato, simpático:) Ora, pode dançar, como não!
- GATEADO - (Fazendo Nadina realizar o giro-saudação:) Desculpe eu ter metido as cara, companheiro, mas, se eu bobeio, termino ficando de-a-pé.
- CESÁRIO - (Junto à porta, depositando a chaleira ao chão:) Mas cuidado pra não ensilhar cavalo que já tem a marca de um outro, tchê...
- GATEADO - (Presunçoso:) Não tem importância: se o fogo não pegou bem, a gente põe em cima da marca uma outra... (faz Nadina girar novamente) ... contramarca!
- CESÁRIO - (Semi-embriagado, vem entregar cuia a Vírsio:) Mas isso é sempre perigoso, eu garanto. Em questão de bem-querê, marca de fogo não se apaga nunca. Ou apaga? Já nem sei... (Pausa) Eu? não tenho marca. (Para Zefinha:) Tu também não tem, não é? Então vem dançá comigo! (Dá apoio para Zefinha realizar o giro-saudação). -- Então lasca o chôte, Canguçu!
- CANGUÇU - Mas qual é o chôte que a senhora manda, Dona Celita?
- CELITA - (Depretida:) Ora, hoje eu gosto de tudo...
- ZACARIA - (Ainda mais derretido, "cotucando" a noiva com o cotovelo:) Mas diz qual é o chôte que tu quer que o Canguçu toque, minha riquezaza...
- CELITA - (Ainda mais dengosa) Qualqué um...
- ZACARIA - (Tornando a "cotucá-la", ainda mais derretido:) Mas diz um...
- CELITA - (Em crescendo:) Não: diz tu...

ZACARIA - (Em crescendo:) Não: tu...

CESÁRIO - (Com grosseria:) Ih, agora vocês vão ficar aí empacado que nem mula de mascate? Deixa então que eu escolho isso: é o chôte "No Bom do Baile".

TODOS - (Com entusiasmo:) Muito bem, "No Bom do Baile" tá lindo, etc, etc.

Dançam "NO BOM DO BAILE", cantando todos. Zacaria com Celita, Nérsio com Ruana, Gateado com Nadina, Cesário com Zefinha. Na segunda estrofe entra em cena Seo Graciano, muito feliz, e meio "no trago", trazendo na mão um borrachão com aguardente. À sua chegada, todos o saúdam com muita alegria e consideração. Ele canta: "Sia Bela, manda um balde d'água aqui pra nos molhá o chão do salão", etc. Depois se destaca o Gateado, cantando e mostrando os tornozelos de Nadina: "Morena, quando o balde d'água vim pra nós moiá o chão do salão," etc. Nadina olha os próprios pés, envergonhada, e foge para o aramado à esquerda, mas Gateado vai buscá-la e termina convencendo-a continuarem na dança. Ao final do chôtes, todos cercam de atenções o pai da noiva.

GRACIANO - (Extremamente feliz, e já levemente alcoolizado:) Gostei de ver, moçada! Então o verso do Gateado foi especial. Tu merete um trago de canha, tchê!

GATEADO - (Apanhando nas mãos o borrachão que Graciano lhe alcançou:) É da boa?

GRACIANO - Tu ainda pergunta se é da boa? Caninha azul de santo Antônio da Patrulha, que encomendei especialmente pra o casório da Celita. Despôs passa adiante. (Para Celita:) E como é, minha filha? tu vai servir prá meninas um licorzinho de butiá?

CELITA - Ora, pai, tudo é gente de casa, eu já disse que quem quiser se servir dos comessô, bebes é só chegar pra o rancho.

GRACIANO - (Para a roda:) Mas às vez a gente convida e eles não vêm. Como é? Seráque vocês já encheram o bucho bastante?

TODOS - (Com gentileza e respeito:) Sim senhor, está tudo muito bem, obrigado, está especial, etc. (ad libitum).

NÉRSIO - Agora nós temo só esperando as rosquinha que a Sia Bela tá fazendo.

GRACIANO - Não demora nada-nada.

VÍRSIO - (Condescendente:) Só mesmo o Nérsio pra pensar nas rosquinhas...! Nem doce nem canha, Seo Graciano, contam prá gente, quando os olhos dessas morena já tão tonteando a gente...! (Olha para Nadina, e esta reage dengosamente).

GRACIANO - Mas entonce, Vírsio, tu imagina eu, só escuitando de longe a dança, fazendo sala pra os dois compadre velho que já tão ali cochilando... (movimenta o pé direito pendularmente) enquanto o meu pé tá que é um leque pra cair aqui na dança!

RUANA - (Salta para junto de Graciano:) Então não perca tempo, Seo Graciano. Vamo dançar nós dois?

GRACIANO - (Apavorado:) Ruana, Ruana da minha alma, não brinca comigo que tu dá inté congestão...! É melhor até eu não dança; (olhando em torno:) tem alguém de vocês pra cantar alguma coisa mais calma, por exemplo uma valsinha?

VÍRSIO - (Aproxima-se de Nadina, ao lado de Gateado:) Volta pra mim, Nadina, que eu canto pra ti a valsinha que o pai da noiva tá pedindo.

NADINA - (Emburrada:) Não vou com ninguém, eu lavei meus pé di-já-hoje e inda estão mangando ~~de mim~~ ^{de mim}. Não quero saber de valsinha, eu não quero nada-nada. Só estou esperando ~~o meu irmão chegar pra vim me buscar, e~~ ^{o meu irmão chegar pra vim me buscar, e} ~~eu vou embora pra minha casa.~~

VÍRSIO - Tá bem, vai embora. Mas, antes de tu ir, escuita o que ~~eu~~ eu quero dizer pra ti. (SE PORVENTURA SOUBER TOCAR, ALÉM DE CANTAR, APANHA O VIOLÃO DE CASTIANO). Tchê, Castiano, me empresta um pouco o violão. E, com a licença dos presente, eu vou cantar uma valsinha pra Nadina.

Todos se sentam, nos banquinhos, para escutarem Vírsio, ao mesmo tempo em que dão a entender que as danças se interromperam. Canguçu, na cordeona, imita os gritos do quero-quero, enquanto Vírsio vai se encaminhando até Nadina junto a Gateado.

VÍRSIO - Nadina... Perto do meu rancho hai um banhado com muito ninho de quero-quero. Sempre que alguém se aproxima, os quero-quero gritam pra me avisar da chegada de um andante.

CASTIANO - (Coadjuvando:) Até parece que estou escutando: "quero-quero"!...

VÍRSIO - Pois fica sabendo, chinoca: ainda algum dia os quero-quero vão gritar de alegria, anunciando a tua chegada na garupa do meu cavalo!

Todos aplaudem a declaração de amor. Nadina avança até o banquinho onde está Nérsio e, infantilmente "superior", faz-lhe gesto para que ceda o seu lugar a ela, que é a "rainha da festa". Nérsio se levanta, afasta-se, e Nadina senta ali e, embevecida, fica escutando a música que Vírsio canta especialmente para ela: "QUERO-QUERO".

Vírsio canta "QUERO-QUERO", Canguçu faz um "solo" na repetição, ao final Vírsio enlaça Nadina e dançam até pararem em frente ao banco 12. Nadina está embevecida pela ternura da cantiga que Vírsio lhe dedicou.

ZACARIA - Ai, Vírsio, agora sim laçatem o coração da morena!

CELITA - Depois de uma cantiga assim não hai coração que resista, não é, Nadina?

NADINA - Tava bonito mesmo, né?

NÉRSIO - (Vibrante:) Ah no dia em que eu souber cantar...!

VÍRSIO - (Em geral:) Ficou confirmado então, pra todo mundo, que eu sou mesmo o dono desse coração!

GATEADO - (Erguendo-se do barril, muito confiante:) Não sei, parceiro, não sei. Porque, se me dão licença... também quero dar um talho neste churrasco. (Estende o braço para o violão:) Passa o violão, tchê.

Todos aplaudem o gesto de Gateado. Vírsio se afasta para entre a carreta e o barril. Zefinha vem descendo até o canto 9 do rancho, de onde vai escutar Gateado. Pouco depois surge Cesário à porta do rancho, ali permanecendo atento. Gateado aproxima-se até junto de Nadina.

GATEADO - Escuita, indiazinha. Agora quando tu estava ouvindo esse vivente-aí cantar, eu aproveitei pra te olhar da cabeça aos pés; e, olhando pra ti, sabe o que foi que eu pensei? (Ela dá um risinho.) Pensei assim: (Mas ainda se volta para o auditório que está a seu redor no terreiro) Eu não sou dos tal que cantam verso decorado. É de improviso, no mais!

Canta "OLHANDO A MOÇA". Ao final da primeira estrofe, todos aplaudem. Nadina começa a reagir, como antes reagira ao "Quero-Quero" de Vírsio.

Canta a segunda estrofe. Ao final, novos comentários:

GRACIANO - Utcha que vai indo ligeiro esta coisa!

CASTIANO - Desse jeito, termina em casamento mesmo!

ZACARIA - O Gateado está mais apressado do que eu!

ZEFINHA - Pra quando é o casório, Gateado?

NÉRSIO - (Sentenciando:) Cuidado, Seo Gateado. O meu pai sempre dizia que casamento é que nem rolo de fumo em corda...

GATEADO - O que tem isso?

NÉRSIO - A primeira volta é boa, mas... mas o resto se pita pra não botar fora!

Gateado irrita-se com esta intervenção de Nérsio.

GATEADO - "Olhei os teus pezinho...

mas perde-se, volta-se irritado para Nêrsio:
"viu, guri, tu até me atrapalhou o improviso"
e recomeça.

"Olhei os teus pezinho,
* vi sandálias de pompom;
depois olhei mi' as bota,
bem macias, couro bom.

Aproxima-se bastante do
corpo de Nadina.

Então... pensei...
Pensei ver a tua sandália
(vou dizer, mas não reclama)
tua sandália e as minhas bota
lararái
-- debaixo da mesma cama!

NADINA - (Realmente envergonhada:) Mas que vergonha!!

Nadina foge para os lados do rancho, postando-se entre Zefinha e Ruana. Há desagrado geral, pela piada de Gateado, que foi dita muito cruamente, ferindo as suscetibilidades da moral rural. Gateado não esperava tal reação, sente-se constrangido. Seo Graciano resolve intervir:

GRACIANO - Mas que atrevimento é esse, seu moço?

GATEADO - Puxa, Seo Graciano, foi uma simples cantoria de brincadeira.

GRACIANO - Mas a menina é uma convidada da festa, como os outros; merece um tratamento de respeito.

GATEADO - (Humilde:) Eu tratei com respeito. Não tô entendendo. Só se foi o Nêrsio que me atrapalhou as idéias, o jeito de cantar...

GRACIANO - As idéias, não tanto; o jeito, sim. Tu parecia que tava querendo a coisa pra agora mesmo, na frente de todo mundo, barbaridade!

ZEFINHA - (Descontente:) O Gateado tá ficando muito atrevido.

RUANA - Sempre foi.

CELITA - Isto não se diz na frente das moças, Gateado. A gente fica até sem jeito. Vê como a festa esfriou.

NADINA - (Falando em geral mas investindo ameaçadora para Gateado:) Vocês viram? A minha sandália junto co' as bota dele, embaixo da cama, era só o que faltava. (Meio chorosa:) Mas espera, Gateado! Deixa o meu irmão chegáx pra me buscar e eu conto pra ele. Vou contar!

GATEADO - (Sem jeito, sincero:) Ora, Nadina, eu não pensei... não pensei que tu ia embrabecer por uma bobagem. Era brincado.

VÍRSIO - (Sentindo-se apoiado) E isso é jeito de se brincar com uma moça direita?

GATEADO - (Reage com muita firmeza:) Bueno, eu brinquei com ela e não foi com você. Você por acaso é irmão dela, prá tá tomando as dor?!

VÍRSIO - (Gagueja:) Não, mas... tu compreende... que numa festa...

CESÁRIO - (Entre furioso e bêbado:) Mas claro que essa história só podia terminar em porcaria! Se numa festa se reúnem os amigos pra dançar, mas dois animal aí pegam o freio nos dentes e não há quem ataque, ficam de dono, chega um ponto em que passa dos limites!

Gateado e Vírsio parece que vão revidar à ofensa, contra Cesário, mas Graciano interpela o sobrinho imediatamente:

GRACIANO - O que é isso, Cesário? Assim também não! Não carece ofendêr os home só porque eles tão entusiasmado com a morena.

CESÁRIO - (Grita:) Mas eu disse que há um ponto de limite!

- GRACIANO - (Explode:) Tu tá gritando comigo, Cesário? Tu tá levantando a voz pra mim?!
- CESÁRIO - (Cai na realidade. Pausa.) Desculpe, Tio Graciano. (Sai para o interior do rancho.)
- GRACIANO - (Acompanhando-o com o olhar:) E que modo é esse de gritar com as visita, logo tu que é o moço da casa? (Para os demais, mais calmo, apaziguador) Às vez essa história da gente dançar muito tempo vai esquentando o sangue, vai esquentando a cabeça e, duma hora pra outra, mais ninguém se entende. (Pausa. O silêncio é geral.) Rabo de sala junto com bombacha sempre dá confusão. (Com firmeza:) Mas aqui não pode haver nada disso: afinal, temo tudo entre amigo, não tem cabimento os home se extranhar, e muito menos o Cesario xingar as visita. (Todos escutam respeitosamente, mas Nadina acha que tudo voltou ao normal com a simples saída de Cesário e, em primeiro plano, puxa tranquilamente um alinhavo do vestido.) Eu entendo dessas coisa. Bamo refrescá as idéia um bocado e depois a gente recomeça as dança de novo.
- NADINA - (Infantilmente grosseira:) Ah não vamo parar não, que bobage! só por que o Cesário tá de lua?... (Para Seo Graciano, com convicção e superioridade:) O mais direito, etão, é enxotar ele campo-fóra e nós continuemo brincando!
- GRACIANO - (Aproximando-se de Nadina, com o dedo em riste e voz contida:) Pois na hora de botar o meu sobrinho campo-fóra eu achava muito bom aproveitar e exportar também uma mulhézinha que tá munto aça-nhada hoje!
- NADINA - (Murchando:) Crreeeédo, Seo Graciano. (Descontrolada, se afasta para o interior do rancho.)
- GRACIANO - (Firme:) Bamo sentando, bamo sentando todo mundo.
- Por consideração ao dono da casa, todos acedem, mas contrafeitos. Gateado senta-se no banquinho 14, Nêrsio no 15, Castiano no barril 11, Zacaria e Celita no banco 12, Ruana no banquinho 13, Vír-sio no 16, Zefinha (preocupada com Cesário) vai para o interior do rancho. Canguçu permanece em sua posição, em pé junto à roda da carreta, próximo a Nêrsio. SONOPLASTIA: GRILOS E SAPOS.
- GRACIANO - (Tenta sorrir:) E, mesmo, o pobre do gaiteiro não é de ferro, pra tocar sem parar. Ora, vamo deixar o Canguçu descansar um pouco, moçada!
- CANGUÇU - (Muito respeitoso, para todos os presentes:) Vem bem na hora esse descanso, com licença, com permissão, eu tava mesmo percisando dá uma chegadita lá fóra, pra ver melhor a lua, com permissão... (Deposita a cordeona ao chão e se afasta para a esquerda, em oposição ao rancho, saindo de cena).

Em meio ao silêncio, Nêrsio aproveita e começa a experimentar o som de uma tecla e outra, até abrir toda a gaita.

GRACIANO - Tu pediu licença pra o Canguçu?! Larga essa gaita, guri!!

Nêrsio, assustado, tem ainda a preocupação de fechar a cordeona, e assim produz o som grotescamente prolongado de um dos "baixos" mais graves.

Destaca-se agora o ruído de grilos e sapos.

Seu Graciano volta as costas ao Nêrsio e se encaminha para o interior do rancho, desaparecendo.

Nêrsio leva a mão ao violão que Castiano deixara apoiado à roda da carreta e começa a dedilhar as cordas, numa seqüência monótona, queixo apoiado na mão, absorto.

Seo Graciano torna a aparecer à porta e avança para repreender Nêrsio. Este, absorto, só se dá conta quando o dono da casa já está à sua frente; então, instintivamente lhe entrega o violão. Seo Graciano também agiu instintivamente e, agora, não sabe o que fazer com o instrumento. Pensa, inicialmente, em levá-lo para dentro do rancho. (Simultaneamente, Ruana levanta-se do banquinho 17 e vai caminhando, lentamente, para o fundo). Seo Graciano dá de olhos em Castiano sentado no barril e tem a boa idéia:

- GRACIANO - Ora, bem que o Castiano podia ir tocando uma milonguinha pra entreter a gente, não é? (Alcança-lhe o violão).
- ZACARIA - É mesmo. Toca, Castiano.
- CASTIANO - (Emburrado:) Não tô com vontade.
- GRACIANO - Ora, só uma milonga, rapaiz!
- CASTIANO - (Grosseiro:) Não tô com vontade.
- RUANA - (Cruzando lentamente à frente de Castiano, e sem interromper o passo:) Ora, meu Castianozinho, não faz assim... toca pra mim, tá?

Castiano segue Ruana com o olhar, começa a solar uma milonga. Ruana vem postar-se à roda da carreta, bem às costas de Gateado sentado. Ruana acesa para Castiano, ao fundo, este sorri e responde com maior vibração das cordas.

Seu Graciano, considerando cumprida sua missão, atravessa a cena e vem sentar-se no banquinho 13, ao canto do rancho.

A monotonia se acentua, ninguém está com vontade de conversar.

Nérsio vê cuia e chaleira ao lado do banquinho em que está sentado, apanha a cuia, mas devolve, não está com vontade nem de tomar chimarrão.

Zacaria fecha um cigarro de palha.

Gateado, acabrunhado, sente-se involuntariamente responsável por tudo aquilo.

Depois de um talareado, Castiano cantarola quase de si para si, naturalmente, sem preocupação de "show":

CASTIANO - "É lei que Deus deu ao mundo,
desde que o mundo tem nome,
o homem gostar da mulher,
a mulher gostar do home.
Nuns lugar chamam de amor
às coisas do coração;
no Rio Grande é "bem-querer"
o começo da paixão".

Castiano assobia, ao compasso da milonga. Vírsio começa a acompanhá-lo noutro violão, mas olhando apenas para as cordas do instrumento, sem maior participação.

ZACARIA - Tchê, Vírsio.

VÍRSIO - Que é?

ZACARIA - Tuk tem fogo aí?

VÍRSIO - Tenho isqueiro.

ZACARIA - Serve. (Vai apanhar o isqueiro, volta para junto de Celita, acende o cigarro).

NÉRSIO - (Atravessando ruidosamente toda a extensão do palco -- barulho das esporas -- vai até Seo Graciano e senta sobre os calcanhares:) Seo Graciano...

GRACIANO - (Ainda um pouco irritado:) Que é?

NÉRSIO - Eu tou com um sério problema, que o senhor vai me ajudar. Sabe que não entendi essa pendenga? acho que eu tava meio distraído. Afinal, o que foi mesmo que o Gateado encontrou debaixo da cama da Nadina? (Graciano brinda-o com um olhar de fogo, Nérsio volta desarvorado para o seu banquinho, pega novamente a cuia, enche o mate e começa a matear.

Enquanto a milonga prossegue, em fundo, Zacaria ergue-se, vem a primeiro plano olhando o céu e as estrelas, faz um sinal para Celita sem que os outros percebam. Celita levanta-se sorratamente e sai para o interior do rancho, enquanto Zacaria se encaminha à janela 8 (sempre fechada), encostando-se à parede, de frente para o público. Entrementes, Castiano prosseguia a cantoria:

CASTIANO - "O gaúcho, entre machos,
é rude, macho também,
mas de todo se transforma
prá mulher a quem quer bem.
E quantas palavras ternas
ele diz à gaúchinha:
"minha jóia", "meu tesouro"
se traduz por "prenda minha".

ZACARIA - (Para disfarçar o próprio acanhamento, fica olhando o cigarro enquanto fala para a parede:) Celita... minha prenda...

VOZ DE CELITA - (atrás da janela:) Que é?

ZACARIA - O que é que tu acha de nós ir indo pra o rancho novo agora?
Ein, minha prenda?

VOZ CELITA - A minha trouxinha de roupa já tá pronta; quando tu quiser...

ZACARIA - Por via das dúvida, já deixei o cavalo ensilhado, também.
Então... no que der no jeito de nós escapar, bamo embora. Tá?

CELITA - (Ri, entre acanhada e feliz:) Si tá!

Zacaria vem voltando para seu banco, mas tem sua atenção voltada para Ruana atrevidamente fazendo cócegas no cabelo de Gateado. Gateado ainda se sente mais irritado com essa brincadeira (de Ruana postada bem às suas costas), e desencruza as pernas batendo fortemente com a bota no chão. Este ruído chama a atenção de Castiano, que, imediatamente, pára de tocar a milonga.

RUANA - Pobrezinho do Gateadinho, tá brabinho... Só por causa duma sandália que não quiseram dar para ele... (Vem para a frente de Gateado e, atrevidamente, eleva o pé e apóia-o sobre o joelho dele.) Mas, pra tu te consolá, viu?, agora no fim da festa eu tiro os meus sapato e tu leva eles contigo, tá?

GATEADO - Vai te refestelando, vai! Vai te refestelando, que eu te levo com sapato ex tudo. (Com um safanão, faz Ruana retirar o pé, limpando a bombacha que ficara com poeira. Ruana, confiante, vira-lhe as costas e vai recostar-se à janela 6, de onde fica a observar a festa extremamente chôcha.)

ZACARIA - (Logo após Celita ter retornado do interior do rancho e ter sentado ao lado dele:) Seu Graciano.

GRACIANO - (Acordando do fundo de seus pensamentos:) Ahn?

ZACARIA - Quantas horas serão, ein?

GRACIANO - (Investigando o céu:) Pela estrela-boieira... nove e pico.

Zacaria olha significativamente para Celita, esta repete o risinho acanhado e feliz.

Seu Graciano, olhando as estrelas, tenta falar com muita animação, para os convidados em geral:

GRACIANO - Fez uma noite linda hoje, não é? (Olha para os convivas, mas ninguém demonstra animação.) Mas esta semana ainda periga chover, não é? (Ninguém responde, ele insiste:) Ainda bem que não choveu hoje, não é? Senão a gente não ia saber o que fazer... (desanima também, murcha:)... ia todo mundo ficar tão desenxavido ... não é?

Graciano mergulha no acabrunhamento. Silêncio completo: os próprios grilos e sapos deixaram de fazer barulho.

NÉRSIO - (Com expontaneidade:) Celita... Se a gente vai ficar tudo parado aqui, bem que tu podia ver se as rosquinha já tão pronta, assim ao menos a gente tem que entreter os queixo.

CELITA - (Sorri da franqueza dele.) Sim, vou ver lá com a Sia Bela. (Vai para o interior do rancho)

Seu Graciano parece que adormeceu, olhos postos no chão, mãos caídas.

VÍRSIO - (Indo até Zacaria:) Não tá precisando mais do meu isqueiro?

ZACARIA - (Tentando uma desculpa:) Ora me distraí e já ia me esquecendo de

adevolver, veja só! (Levanta-se, retira o isqueiro do bolso dabombacha, devolve a VÍRSIO, que sorri gaiatamente).

RUANA - (Aproximando-se de VÍRSIO e Zacaria, alcança um chimarrão para Zacaria^a)
Quer um chimarrão agora?

ZACARIA - Aceito.

RUANA - Quando eu olho pra ti, Zacaria, custo a acreditar. O Zacaria casado, veja só, um homem sério! (Sem sair do mesmo lugar, volta-se para Gateado, mais longe:) Sabe de uma coisa, Gateado?

GATEADO - (Meio absorto:) Ahn?

RUANA - Depois dessa, depois do Zacaria ter casado, já não duvido de mais ninguém que, de uma hora pra outra, resolva seguir o exemplo. O que é que tu acha?

GATEADO - Pois também não duvido. (Ergue-we). Até eu posso seguir o exemplo. (Começa a avançar no rumo do rancho, aparentemente para Ruana, que fica animada). E até já ando de olho numa morena que, se topar a parada, eu topo também. (Gateado passa propositadamente ao largo de Ruana e detém-se à janela 7, onde Nadina, DESDE O INTERIOR DO RANCHO, escuta as conversas). Quer casar comigo, Nadina?

Ruana volta as costas e vai para o fundo. Nadina sai da janela, desaparecendo. Gateado esconde-se rente à parede, esperando quando Nadina tornar a aparecer.

GATEADO - (Quando Nadina reaparece à janela:) Quer casar comigo, Nadina?

Nadina põe a língua", depois "toca flauta" com o dedo polegar da mão esquerda à ponta do nariz. Gateado afasta-se rindo e simula um protesto para Seo Graciano: (Entrementes, Canguçu volta à cena, sem chamar atenção).

GATEADO - Veja se não sou infeliz, Seo Graciano! Venho na festa aqui no seu rancho e estou condenado a passar anoite inteira olhando de fóra as dança, pois a prenda que eu adoro não quer nem falar comigo. Está dereito uma coisa dessas?

GRACIANO - (Circunspecto:) É, ansim não tá dereito. (Ergue-se e vai no rumo da janela.)

CELITA - (Voltando do interior, em sentido contrário:) Já tão quaje pronta as rosquinha, Nérsio, te aguenta mais um pouco. (Vai até Zacaria e alcança-lhe a mão.)

GRACIANO - Pois imagina, minha filha, que a Nadina não quer nem olhar pra o Gateado. (Para Nadina:) Faz as paz com ele, gurial!

Nadina põe a língua para Seo Graciano e toca flauta agora com as duas mãos. Graciano descontrola-se totalmente e some pelo canto 10 do rancho. Os demais escondem o riso, enquanto Celita vem até Nadina para repreendê-la:

CELITA - Nadina, que modo feio!... Olha, à minha saúde, tu vai dançar uma vez com o Gateado. (Gateado vem.) E assim recomeça a festa.

NADINA - (Desaforada:) Não quero, não quero, não quero.

CELITA - (Revida, firme:) Vai, sim. Canguçu, toca uma rancheira, vamo! Castiano, a pedido da noiva, marca bem bonito o compasso da rancheira.

Castiano começa a executar o ritmo de um raqueado, sem variações. Canguçu entrará nesse tom.

Cesário surge à porta do rancho, com feições de arrependido, vem e passa entre Gateado e a janela, sentando-se humildemente no banquinho 13.

Entrementes, Celita continuára:

CELITA - Vai, Gateado! Tira ela!

GATEADO - "Vem cá, vem cá,
minha linda gauchinha,
pra nós dança
rancheira de carreirinha".

Gateado repete algumas vezes, mas Nadina permanece entrincheirada atrás da janela. VÍRSIO, que até então se anulara ao fundo, vê chegada a oportunidade de impor-se à predileção de Nadina:

VÍRSIO - "Vem cá, vem cá,
minha linda gauchinha,

Zefinha aparece à porta do rancho e olha divertidamente a cena: Nadina continua em negativa, a ponto de Vírsio e Gateado preferirem simplesmente se exercitarem "a duas vozes", já sem mais atenção para a garota.

Zefinha passa por entre estes dois cantadores, sorridente:

ZEFINHA - Bueno, se a Nadina não quer dançar, danço eu. Mas não é contigo, Vírsio... nem contigo, Gateado... É com um que está fóra da festa, mas não deve continuar assim. (Olha para Cesário)

TODOS - (Olham para Cesário e ajudam Zefinha na intenção de renovar alegria:) É com o Cesário, etc. Vem dançar, Cesário. Não te faz de rogado. Etc. Nada de tristeza, esta noite é de alegria. Não faz desfeita pra Zefinha.

CELITA - (Destacando-se após estas vozes ad libitum:) Não faz desfeita pra moça, meu primo. Vem dançar com ela.

Cesário consegue sorrir e vem tomar posição para dançar com Zefinha. Ruana está ensimesmada, junto à roda da carreta.

GRACIANO - (Surgindo do fundo para o primeiro plano:) Ruana...

RUANA - Que é, Seu Graciano?

GRACIANO - (Falso e exagerado:) Tu não tá vendo que eu também estou fóra da festa? Vem me alegrar, Ruana!

RUANA - (Novamente divertida:) Vamo então, Seo Graciano! (Fazem o giro-saudação).

ZACARIA - (Animado, faz o giro com Celita:) Se é pra formar o baile, tô na dança também com a minha noivinha.

Ao ritmo de Castiano e Canguçu, Nadina sai de sua trincheira e vem para o terreiro, postando-se diante da janela 6, certa de que ou Gateado ou Vírsio vão convidá-la à dança, mas ambos resolveram "se vingar" e se aliam cantando um para o outro.

(O encenador deve surpreender o público, subindo da extrema monotonia ao ponto alto do show coreográfico).

CORO: "Vem cá, vem cá..." etc

Vírsio e Gateado chamam Nadina cantando "Vem cá... vem cá...", ela vem, eles a "atropelam" na parte da "carreirinha", e ela recua ao máximo de encontro à parede do rancho.

Zacaria-Celita, Zefinha-Cesário, Graciano-Ruana giram pelo terreiro, dançando-se UMA VEZ a melodia da "Rancheira de Carreirinha", cantada por Vírsio e Gateado:

... e se alguém tiver vontade
que se prenda a sapateá!
... e se alguém tiver vontade
que se prenda a sapateá!

DEMONSTRAÇÕES INDIVIDUAIS DE SAPATEIO, PELOS MAIS HÁBEIS.

CASTIANO DESTACA-SE E CANTA "18 DE JUNHO":

Eu quero vê as morena esta noite bailando
etc...

SHOW COREOGRÁFICO, POR TODOS OS PARTICIPANTES.

CLÍMAX DO ESPETÁCULO

AO FIM (SAPATEADO GERAL), GRITOS DE ENTUSIASMO.

ZACARIA: Agora é que se animou a coisa, minha gente! -- GRACIANO: Tá me agradando o fandango! -- RUANA: Assim que eu gosto, moçada! -- VÍRSIO: Prende outra marca! -- ZACARIA: Lassa fogo, gaitheiro! -- CASTIANO: Não bamo perder o embalo! -- GATEADO: Outra dança, em seguida!

NÉRSIO -- Não, esperem aí, escutem! (Gritou mais forte que todos, todos fazem silêncio, param.) Eu tava esperando a hora que todos se entusiasmassem, pra eu me entusiasmar também. (Feliz:) E agora, então, à saúde dos noivo, vou declamar (com entusiasmo total) a poesia gauchesca de minha lavra, "O Cachorro do Finado Bento"!

Enxotam-no aos empurrões:

- GATEADO - Logo agora, guri!
- VÍRSIO - Vai dormir!
- RUANA - Não incomoda, Nérsio!
- GRACIANO - Já deitá, cusô!
- NÉRSIO - (Pede socorro a Zacaria:) Me defende, Zacaria!
- ZACARIA - (Pegando-o pelo gasnete, implorativo:) Declamar agora? Não, Nérsio, por amor de Deus!
- NÉRSIO - Então não declamo, eu canto: "A Gentil Carolina".
- ZACARIA - Cantar agora não, Nérsio.
- CELITA -
- ~~NÉRSIO~~ Depois, Nérsio, depois tu canta -- tá?
- NÉRSIO - (Justificando-se:) Mas foi agora que eu me entusiasmei. (Vai se afastando, murcho:) Utcha que quando o urubu anda de azar até nas pedra se atola...
- VÍRSIO - (Para os demais:) Olha que a coisa esfria! Bamo vê outra dança sapateada!
- RUANA - (Sapateando, em amostra:) E bem sapateada!
- CANGUÇU - E qual vai ser?
- CASTIANO - Que le parece "O Anu"?
- CANGUÇU - Gostei de vê!
- ZACARIA - Me agradô!
- RUANA - (Puxando Seo Graciano) Vamo de novo, Seo Graciano?
- GRACIANO - (Entusiasmado:) Bamo, Ruaninha, bamo!
- GATEADO - (Salta entre os dois:) Seo Graciano, o senhor não acha que os mais moço é que devem dançar essas dança mais braba, sapateada?...
- RUANA - (Sorrindo, desafiante, para Gateado:) Eu sabia que tu ia vir, eu sabia! (Para Graciano:) Depois eu dança com o senhor outra vez, Seo Graciano.
- GATEADO - (Romântico:) Quando eu te abraçar, minha prenda, no passeio do Anu, tu vai sentir o palpitar do meu coração! (Apanha-a pela mão).
- GRACIANO - (Repreensivo:) Mas tu é descarado, Gateado, barbaridade! Ainda há pouco tava te retouçando aí pra Nadina, e agora não tem vergonha de, em seguida, vir arrastar a asa pra Ruana?
- GATEADO - (Presunçoso:) É, Seo Graciano, mas acontece que, lidando com mulher bonita, eu sou que nem alpargata: sirvo tanto pra o pé esquerdo como pra o pé direito. (Traz Ruana para o centro do terreiro, fazendo o giro-saudação:) Vem, Ruana.
- CESÁRIO - (Não gostando:) Mas é saliente, esse sojeito! Mas algum dia alguém para o interior do rancho, ^{acerta ele...}
- Graciano vai ~~sentar no banquinho~~, e Vírsio traz Nadina para o terreiro:
- VÍRSIO - Eu gosto do Anu porque é dança de abraço. E não vou perdê a ocasião de dá um abraço em ti, Nadina. Vem.
- NADINA - Mas me abraça com modos; com modos, viu, Vírsio?
- ZACARIA - (Em geral:) Bueno, também me ativo. Mas não é porque esteja querendo abraçar a Celita, pois de abraço já tomei um fartão hoje. É pelo gosto de sapatear. (Traz Celita para junto dos outros dois pares anteriores:) Vem, meu charque!
- VÍRSIO - Tu comanda, Zacaria?
- ZACARIA - Eu? Posso comandar. Então... cada um com sua morena, que aí vem ... o Passeio para o Anu! (Canguçu dá um acorde na gaita).
- CESÁRIO - (Afastou-se de Zefinha e veio implorar a Zacaria, suavemente:) Zacaria... tu me dá licença de eu dançar com a noiva?
- ZACARIA - (Surpreso:) Agora?! (Pausa. Compreensivo:) Bueno, com todo o prazer, amigo velho: tá em boas mão. (Entrega-lhe a mão de Celita:) E, pra não ficar parado, eu vou ajudar os músico na cantoria; que les parece?
- TODOS - (Ad libitum:) Está lindo, isso mesmo, vem cantar, etc etc

- ZACARIA - (Explodindo:) Mas ô guri bem chato!
 - VÍRSIO - Fica quieto um pouco, Nérsio!
 - NÉRSIO - Mas eu tô mais quieto que vancês tudo dançando...!
 - ZACARIA - Entende, Nérsio: agora não dá, já vou embora.
 - NÉRSIO - Pois é justamente porque vocês já vão embora. Antes quero homenagear a Celita declamando a poesia gauchesca da minha lavra, "O Cachorro do Finado Bento"!
 - CELITA - (Penalizada:) ~~ENXÃ~~ Deixa o coitado declamar, Zacaria.
 - ZEFINHA - O coitado tá com tanta vontade!
 - ZACARIA - Por amor de Deus, declamação de poesia não!
 - NÉRSIO - (Mostrando com os dedos o tamanhinho:) Nem uma quadrinha piquini-ninha assim?
 - GATEADO - Mas quem é que tá interessado em ouvi os teus verso, guri?!
 - NÉRSIO - Então que não seja só eu. Todo mundo dizendo verso, tá? Vamo dança a polca da meia-canha?
 - NADINA - (Salta pulando de alegria, em apoio:) A polca de dizer verso? Eu gosto, sim! vamo, Canguçu, toca!
- Cesário reapareceu à porta do rancho.
- GRACIANO - Pois não é que o guri teve uma boa idéia?
 - NADINA - Vem comigo, Vírsio. vou declamar um verso bem bonito pra ti.
 - VÍRSIO - (Indeciso, consultando os outros, mas indo pela mão de Nadina) Uei, podemos ir, se os outros forem.
 - GRACIANO - Aceita, Zacaria. E assim a festa termina com mais alegria. Aproveita. Convida a Celita. Esta é a última vez que tu pode dizer versinho de namorado prá minha filha. (Divertido:) Depois disso, a obrigação espixa e a inspiração encolhe. Aproveita, rapaz!
 - CANGUÇU - É mesmo prá tocar a polca de verso, Seu Zacaria?
 - ZACARIA - (Olha para Celita:) O que é que tu acha?
 - CELITA - Parece que o meu pai tá fazendo tanta questão. vamos.
 - CANGUÇU - Então bamo ou não bamo?
 - ZACARIA - Bamo. (Canguçu começa a dar o ritmo).
 - RUANA - (Para Gateado) Nessa eu não entro. Não sei dizer verso.
 - GATEADO - (Admirado:) Mas tu não sabe dizer verso?
 - RUANA - De cabeça, não. só decorado.
 - GATEADO - Não faz mal, decorado mesmo serve. (Agrega-se a Vírsio/Nadina e Zacaria/Celita)
 - ZEFINHA - (Aproximando-se de Cesário à porta do rancho:) Tu não quer vir, Cesário?
 - CESÁRIO - Tu tá com vontade?
 - ZEFINHA - Se tu prefere, eu fico proseando aqui contigo.
 - CESÁRIO - (Indo tomar posição:) Tá. Vamo dançar, sim.
 - NÉRSIO - (Olha em redor, vê que não sobrou moça:) Mas... e eu?! eu que dou a idéia e fico chupando o dedo?!
 - GATEADO - (Ao gaiteiro e em geral:) E vamo lá prá Meia-Canha!

A música se eleva, ruidosa. Todos se dão as mãos, na roda, e a roda começa a girar cada vez com mais animação. A alegria recomeça. Até que um dos pares diz "PÁRA A GAITA!", vem para o centro da roda. Após a declamação de cada quadrinha, há comentários dos demais.

ZEFINHA para Cesário: Eu plantei a sempre-viva,
sempre-viva não nasceu.
Tomara que sempre viva
meu coração junto ao teu.

Dançam alguns compassos.

CESÁRIO responde: Tu plantou a sempre-viva,
sempre-viva não nasceu:
é porque teu coração
ainda é mais só do que o meu.
Tentam aplaudir, com algum constrangimento.

CELITA, muito dengosa,
para Zacaria:

A laranja nasceu verde,
com o tempo amadureceu.
Meu coração nasceu livre

vai aninhar-se
nos braços dele

mas teu amor me prendeu.

ZACARIA responde,
extremamente dengoso:

Sou laranjeira de umbigo,
tu é laranja crioulinha.
Deixa mais passa uns tempo
e bamo dá umas laranjinha...?

VÍRSIO para Nadina:

Já me declarei a ti,
como a nenhuma mulhé.
Aqui tem dois que te querem...

Gateado avança um passo,
deixando Nadina entre
ele e Vírsio.

Diz qual dos dois que tu qué!

Dançam alguns compassos, param, expectativa.

CELITA - Agora que eu quero te ver, Nadina! Dessa vez tu ~~tem que responde~~ ^{tem que responde}
pra o Vírsio "sim" ou "não".

ZACARIA - Vai respondê nada, que eu sei. ^{Guria noya} ~~Mulher~~ é ansim mesmo, é que nem
cusco, nunca se sabe pra que lado vai sacudir a cola.

NADINA - Ai, todo mundo me atrapalha! Deixem eu respondê!

Enquanto eu não respondê,
vou lucrar com a esperteza:

Olha para Vírsio:

Para Gateado:

Se o vento apaga uma vela,
não faz mal -- tem outra acesa.

RUANA - (À sua vez) Para a gaita! (Para os demais:) Já avisei que é decorado.

Num "tirão" só, rapidamente: O anel que tu me deu
era de vidro e quebrou.
O amor que tu me tinha
era pouco e se acabou.

GATEADO responde:

É que o amor que eu te tinha
não era pra eu te tê,
e o amor que tu me tinha
não era pra tu me tê.

Desaperecebidamente Seo Graciano vai para o interior do rancho.

Nérsio interrompe a dança da polca, aos berros:

NÉRSIO ♦♦ Esperem lá! Parem! (Todos param, assustados.) Tá munto lindo isto,
mas o causo é que eu não vou continuar de fora. Também quero dizer
verso!

CESÁRIO - (Entre pacioso e irritado:) Mas tu não vê que não tem mais moça, ô boi corneta? Sô se tu vai nos vizinho campear outras guria.

GATEADO - (Encaminhando-se sorratamente até Nadina) Não precisa ir: a gente troca de par e segue a meia-canha com essas mesma... (Avança para Nadina:) Bamo trocá tudo de par?

VÍRSIO - (Interrompe-o com o braço:) Ora deixa de dizê bobage, seu!

NÉRSIO - Olhem, eu tenho uma idéia: vamo dançar a polca do dedinho e seguir com a meia-canha!

NADINA - A polca do dedinho?! Eu gosto, sim.

RUANA e ZEFINHA aplaudem, ad libitum: Boa idéia, sim, vamos dançar essa brincadeira, é um brinquedo gozado, etc.

NÉRSIO - E a noiva também tem que ir!

Celita dispara para o lado da carreta, as outras três moças perseguem-na e puxam-na até a porta do rancho, onde todas desaparecem. Já então Castiano cobriu a porta do rancho com seu poncho-pala, a mandeira de cortina, com a ajuda de Vírsio: a cortina ficou suspensa pela mão dos dois. Vão aparecendo quatro dedos entre a pala e a parte lateral da porta. Gateado, Cesário e Zacaria encaminham-se para "escolher o dedo", mas Nérsio embarga-lhes o passo:

NÉRSIO - Agora primeiro vou eu. Pra me garantir. (Escolhe um dos dedos, puxa-o, sai Ruana.) A Ruana, rapaiz! Periga até eu esquecer o verso!

Nérsio e Ruana tomam posição para recomeçarem a mei-canha, enquanto Gateado escolhe outro dedo e puxa Nadina:

GATEADO - (Para Vírsio:) Já te babei, maula!

Cesário olha um e outro dos dedos que ainda restam no vão entre a cortina e a porta. Pega um dos dois:

CESÁRIO - (Com certo deboche:) Ah esse rico dedinho eu conheço mais que o meu próprio! (Sai Celita, os demais ficam um pouco temerosos) Bem fisgado, não foi?

NÉRSIO - (Infantil, vibrando:) A noiva, bah! (Faz com a mão um gesto de pouco caso, para Zacaria, no sentido de "o Zacaria não é de nada" ou coisa parecida. Ruana repreende-o).

Zacaria sente-se um pouco mal, mas tenta recuperar a tranqüilidade. Brinca-lhão, se encaminha a tirar o unico dedo que resta:

ZACARIA - Bueno, só pelo desaforo de vancês terem me roubado a noiva, agora eu vou dizer um verso bem safado prá Zefinha (pega o dedo e olha para Celita), que é prá Celita ficar louca de ciúme.

Zacaria está olhando para um lugar indefinido, de costas para a porta. Diz "Pode sair, Zefinha, vem!", mas eis que todos caem em gostosa gargalhada. Zacaria volta-se e depara com Seo Graciano ao invés de Zefinha. Zacaria solta o dedo do sogro e se afasta para o lado da carreta, constrangido pela brincadeira e pelas risadas ferais. Zefinha surge de dentro do rancho, rindo também.

GRACIANO - Não quer dançar comigo, Zacaria? Então a Zefinha fica para mim. Recomeça a Polca da Meia-Canha, com os pares formando roda e girando.

GRACIANO, muito galã, para Zefinha: Quero dizê e não digo,
mas sem dizê stou dizendo:
quero querê mas não posso,
mas sem podê estou querendo...

ZEFINHA responde, brincalhona: O s'or qué dizê mas não diz,
mas sem querê vai dizendo...
O s'or qué querê mas não qué?
E o tempo é que está perdendo!

Graciano murcha.

GATEADO, exageradamente romântico,
para Nadina:

GATEADO - Já tenho os olho gateado
de tanto olhá essa mulhé.
Não posso me contê mais:
responde se tu me qué!

NÉRSIO - Agora não tem como escapár!
ZEFINHA - Te apertaram de novo, Nadina!
CELITA - E agora tem que responder: "sim" ou "não".
ZACARIA - (Apartado do grupo.) Responde nada. Guria nova é mesmo que vaca mansa: depois de esconder o leite, não se tira nada.

Todos caem na gargalhada.

NADINA - (Infantilmente enraivecida:) Deixa eu falá! Todo mundo me atrapalha! (Faz-se silêncio. Ela se volta para Gateado:) Tuq qué saber se eu gosto de ti, é?

GATEADO- Mas claro! não vô ficar a vida inteira entre juanes e mendonça.

NADINA + Bueno, então:

NADINA para Gateado NADINA - Quero bem, não digo a quem.
A quem, não digo a ninguém.
Quero bem, não digo a todos;
de todos, não digo quem.

Chega a vez de Ruana e Nérsio.

RUANA - É decorado.

NÉRSIO - (No auge da vibração, nem dá tempo para os demais comentarem alguma coisa.) Não faz mal. Decorado mesmo serve.

RUANA, com rapidez: RUANA - Atirei um limão verde
por cima da sacristia:
deu no cravo, deu na rosa,
deu no moço que eu queria.

O gaiteiro quer reiniciar a melodia, como das vezes anteriores, para dar tempo à elaboração da resposta, mas Nérsio o interrompe imediatamente: "Para a gaita!!"

NÉRSIO responde entusiasmadíssimo: NÉRSIO - Atirei um limão verde
por uma descida abaixo.
Quanto mais ele corria
... eu de atrás!

Ri, bobo:

Todos protestam, chamando Nérsio de burro e etc. Ele retorna à roda completamente murcho.

Então chega a vez de Cesário, que manda parar a gaita e traz Celita para o centro da roda, fixando-a à distância de uns três metros. Expectativa. Cesário, sem desviar o olhar posto em Celita, recita num tom entre sensualismo e arrogância.

CESÁRIO - Tu de lá e eu de cá,
dividindo o chão ao meio...
Tu de lá me dá um suspiro,
e eu daqui... suspiro-e-meio!

Suspense e aflição. Celita fica alguns segundos sem saber o que responder, depois vai a Zacaria e pede-lhe, sorrindo, com muita confiança na voz:

CELITA - Me desempenha, ~~Zacaria~~ Zacaria.

De feições sombrias, Zacaria se encaminha com passos muito lentos para o lugar antes ocupado por Celita. Crava o olhar em Cesário. Se usar chapéu, Zacaria tapeia-o para o alto da testa.

ZACARIA - (Contidamente, lentamente:) Como é mesmo o seu verso, companheiro? Podia me repetir, pra eu poder responder melhor?

CESÁRIO - (Arrogante:) Pois não.

Buxdasmká

Tu de lá e eu de cá,
dividindo o chão ao meio.
Tu de lá dás um suspiro
e eu, daqui, suspiro-e-meio.

O gaiteiro, apreensivo, não toca. Zacaria responde em seguida, com voz contida:

ZACARIA Tu de lá e eu de cá,
dividindo o chão ao meio.
Tu de lá dás um suspiro
e eu daqui... te prendo o relho!

Leva a mão ao cinto, em busca da adaga. Cesário vai reagir, puxando a adaga também, mas simultaneamente Gateado saltou para agarrar Zacaria, enquanto Graciano e Zefinha agarram Cesário.

GATEADO - Não perde a cabeça, Zacaria!

GRACIANO - O que é que te deu hoje, Cesário?

ZEFINHA - Cesário, por amor de Deus...!

ZACARIA - (Grita em geral:) E chega também de dizer verso! (Para Canguçu:)
Pode fechar essa gaita, agora mesmo!

ZEFINHA - (Extremamente preocupada, ainda contendo Cesário:) Cesário, vamo até lá dentro. A Sia Bela prepara um café preto... estou com vontade... um café pra nós, tá?

CESÁRIO - (Grosseiro, enraivecido:) Não quero sabê de café nenhum. Cadê a canha?

ZEFINHA - A bebida já acabou, Cesário, não tem mais.

CESÁRIO - Que diabo de festa é essa, que nem bebida tem?

ZEFINHA - (Explode a tensão nervosa:) Será que tu não vê mais nada que não seja a cachaça? Tu não enxerga mais nada, Cesário?! (Afasta-se dele).

VÍRSIO - Eu acho melhor a gente não parar com as dança. (Falsamente alegre:)
Vamos continuar, moçada?

NADINA - (Ingênua e risonha:) Vamo seguir com a meia-canha, tavam tão gozado os verso, né?

RUANA - O melhor mesmo é dançar. (Vai até Gateado:) Vamo, Gateado?

CANGUÇU - Agora eu é que escôlho: um Vanerão!

NÉRSIO - Um Vanerão bem bagual! (Interpondo-se entre Gateado e Ruana:) Seo Gateado, se alembra daquela hora em que eu fiquei sem par e o senhor me cedeu a Ruana? Até o senhor disse que cavalo, faca e mulhé... Pois tô sem par, de novo! ~~fixx~~

GATEADO - (Surpreendido pela esperteza de Nérsio, sorri:) Me pegou pela palavra, o guni. (Para Ruana:) Tu vai ter que dançar com ele. (Afasta-se, olha em redor, vê Zefinha que está preocupada e novamente ao lado de Cesário.) Não fica preocupada, Zefinha; não fica triste assim. Vem dançar comigo. (Dão apenas um ou dois passos, para tomarem posição, mas são contidos por Cesário. Nesse ínterim, Celita corre até Zacaria).

CESÁRIO - ~~fix~~ (Soturnamente, imóvel:) Me desculpe, mas, se não me engano, esta moça está acompanhada...

GATEADO - (Sem dar importância, continua caminhando com Zefinha:) Ora, aqui não tem nada disso; é uma reunião de família.

CESÁRIO - (Ofensivo:) Se isso fosse reunião de família, tem uma pessoa que não devia tá aqui...

GATEADO - (Dá meia-volta e avança desatinado:) Isso é comigo, tchê?!

ZEFINHA - (Detém Gateado com ambos os braços, tensa:) Por amor de Deus, Gateado!

GRACIANO - (De longe, faz valer sua voz autoritária:) O que é que tá havendo aí?

ZEFINHA - (Dissimulando, muito nervosa:) Bobagem, Seo Graciano. O Gateado veio me tirar pra dançar, e o Cesário, por brincado, mexeu com ele, é brincadeira. (Arranca de sua posição ofensiva Gateado, fazendo-o vir para o centro do terreiro:) Vamos, Gateado.

GRACIANO - (Para Canguçu:) Rompe esse Vanerão duma vez!

Dançam o Vanerão, apreensivos, notando a raiva de Gateado e a tensão de Cesário. Cesário não olha para nenhum lugar definido: caminha nervosamente desde a roda da carreta até o banquinho 13, fazendo antes uma curva para o fundo até o barril e dali vindo paralelamente à parede até o banquinho, onde se senta. Zacaria, num derradeiro esforço, grita palavras de falso entusiasmo, tentando alegrar a dança. Mas é inútil, e Canguçu dá um acorde final, abreviando a duração da "marca". Gateado então avança decididamente até Cesário, acompanhado por Zefinha.

GATEADO - (Disposto a tudo:) Sabe que eu tive pensando na sua frase, moço? E cheguei à mesma conclusão: se isto ~~é~~ é reunião de família, tem uma pessoa que não podia tá aqui!

Cesário instantaneamente puxa da adaga que traz atravessada às costas, no cinto, e salta para Gateado, já desferindo golpes. Com rapidez de onça, Gateado puxa também de sua adaga e vai se defendendo como pode, recuando ante o ímpeto de Cesário. Os dois vão até a carreta, ali Gateado dá dois largos passos para trás até postar-se a uma distância de três metros de Cesário, junto ao banco 12. Pela primeira vez ficaram em igualdade de condições, e agora Gateado poderá atacar. Ele risca o chão com a adaga e pede, num grito:

GATEADO - Segurem esse homem, que eu não quero estragar a festa!

GRACIANO - (Tenta ser ouvido:) Tu perdeu a cabeça, Cesário?

CESÁRIO - (De adaga em riste, cego de ódio, voz rouca:) Que ninguém se chegue! Ninguém se chegue.

Celita salta decididamente na direção de Cesário, interpondo-se entre os dois competidores, de costas para Gateado e de frente para Cesário. Vocifera:

CELITA - Larga essa adaga, Cesário, larga! Só mesmo tendo muita maldade na alma pra querer estragar a festa do meu casamento! Tu não vê que já ninguém tá disposto a brincar, só por tua causa?

Só então Cesário parece ir voltando à realidade, seus olhos esbugalhados atendendo para a prima. Há um relaxamento gradativo da tensão geral. Zacaria, que tentara saltar para apartar a briga, mas que fora contido fortemente por Seo Graciano, pede com gestos que o sogro o livre e é atendido. Ruana e Nadina, que haviam fugido espavoridas para dentro do rancho, tornam a surgir lentamente, Ruana à porta e Nadina por trás da janela 6. À medida que Celita vinha continuando sua seguinte frase, Gateado ia descendo lentamente a adaga até chegar a uma postura quase displacente.

CELITA - (Agora com muita tristeza na voz:) Deixa de sê malvado, Cesário... O dia mais feliz de minha vida devia ter sido este. E eu tava feliz. Mas os teu modo de se portá até parece um mau-agouro, uma ameaça, um aviso de que a felicidade não quer vim. (Toma do pulso de Cesário, fazendo-o baixar a adaga. Com ênfase:) Eu chego quase a acreditar que tu não quer me ver feliz, meu primo!

CESÁRIO - (Após a tensão nervosa acentuada pelo álcool, agora cai em quase-prostração e, com ternura, pede a compreensão e o perdão de Celita:) Não é nada disso, minha prima, eu... eu não sei o que é... Eu não sou assim, tu sabe... tu sabe melhor que ninguém...

CELITA - (Ternura de longa amizade:) Eu sei, sim, sei que tu é bom e não vai querer maldade pra mim. (vai ajudando-o a recolocar adaga na bainha:) Guarda tua adaga, meu primo. Talvez um dia eu precise dela -- ou o meu pai, ou sei lá quem -- pra tu me defender; pois, pra mim, que não tive ermão, tu foi mais que "o primo", foi "o amigo" de todas as ocasião que precisasse. Guarda essa adaga, Cesário...

Cesário terminou de guardar a adaga, Gateado também coloca sua adaga na bainha, há um momento de silêncio e eis que Nersio surge de trás do rancho pelo canto 10 e grita para Zacaria, "mui macho":

- NÉRSIO - Eu tô aqui pra defendêr os dono da casa; Não Te Assusta, Zacaria.
- GATEADO - (Voz ainda oprimida:) Não te preocupa, Nérsio, aqui ninguém vai pelear. Foi apenas um mal-entendido, coisa de nada. (Aponta Cesário, sem agressividade:) O índio-aí decerto tem trabalhado demais, tá cansado... e a gente cansado qualque coisa dá aflição. Não é isso, companheiro?
- CESÁRIO - (Não muito convicto:) É... deve ter sido.
- GATEADO - E decerto eu também não ando lá mui bueno. Pois não se justifica eu me apotrar assim. (Sorri para Celita:) Ainda bem que a noiva apartou a peleia a tempo. Gracias, Celita.
- NADINA - (Só agora percebida pelo público no interior do rancho:) Eu até pensei que fosse uma brincadeira...!
- GRACIANO - (Também zono, mas tentando manter dignidade:) Brincadeira eu sei que não foi, mas confesso que não atinei por que que a coisa fedeu. Quando me dei conta, já tava a bagunça formada. O que é que houve, Cesário?
- CESÁRIO - Ora, lá sei eu, Tio Graciano...
- ZEFINHA - (Acusando Gateado:) É essa mania que tem o Gateado de tá sempre mexendo com as moça, brincando com uma e outra. Eu tava com o Cesário, o Gateado veio me tirá sem pedir licença pra ele, o Cesário não gostou e
- ZACARIA - (Dá a bronca, cortando:) Então donde é que se viu a gente convidar só um punhadinho de amigo, só os companheiro mesmo, numa festa de pobre, e querem por força escangalhar o prazer da gente? Daqui a pouco me furam as tripa e nem sai casório!
- GRACIANO - (Sincero:) Eu nem sei o que dizer nessa altura... Imagina o que os vizinho não vão falar quando souber dessa vergonha...!
- GATEADO - (Sentindo-se ofendido:) Eu já disse que foi um mal-entendido, que nem sei como explicar. Peço desculpa. (Num gesto de quem vai embora:) E se acham que tou sobrando na festa, munto a cavalo e vou embora; não quero envergonhar ninguém.
- GRACIANO - (Detendo-o, atencioso:) Tu não entendeu, tchê. Faço questão que tu fique. Então tu ia sair magoado do meu rancho? que esperança! (Diretamente para Gateado, mas indiretamente pedindo o apoio dos demais:) Justamente o que eu quero é que todo mundo saia contente, e que ninguém recorde o casamento da minha filha como um bochinho de gente bagaceira. Nós temo é que reculutá o gado que se extraviou e endireitar de novo o rumo da tropa. Se houve desconfiança e tristura, que volte a alegria e tudo termine bem. Não é mesmo? (Todos concordam: éisso mesmo, claro, etc.) Zefinha... Tu que viu melhor a coisa, podia contar como foi?
- ZEFINHA - (Indo até Cesário:) Eu já disse: eu tava com o Cesário, o Gateado vei me tirar pra dançar, e
- ZACARIA - Tá, não precisa mais explicação, já entendi. Os dois pelearam porque queriam bailá com a mesma moça. Então nós vamo endireitar a história. (Pequena pausa.) Cesário...
- CESÁRIO - Que é que há?
- ZACARIA - Tu é bueno num sapateio, não é?
- CESÁRIO - Mais ou menos.
- ZACARIA - E o Gateado tem bama de bueno no pé. (Para todos, com entusiasmo:) Então, minha gente, que a peleia por causa da moça seja com alegria e diversão. Terá direito de dançar u'a marca com a Zefinha, doiz dois, aquele que vencer o outro no SAPATEIO DA CHULA!
- Todos aplaudem com muito entusiasmo a idéia, exceto Gateado e Cesário, que permanecem se olhando de soslaio.
- GRACIANO - Eu sempre achei que o noivo da minha filha era um home de cabeça. Provou!

- CELITA - Vai sêr que nem um presente de casamento! Que lindo!
- ZACARIA - Tá de acordo, Cesário?
- CESÁRIO - Aceito qualquer coisa, Zacaria.
- GRACIANO - Ô Nérsio, vai buscá um sarrafo lá no galpão.
- NÉRSIO - Vou correndo, Seu Graciano. (Sai pelo canto 10).
- ZACARIA - (Imitando aposta em corrida de cavalos:) Nesta carreira eu me agrado é do parrelheiro Cesário!
- CASTIANO - (Puxa da guaiaca uma nova, ou várias:) --(Tantos) mil-réis no cavalo gateado, seu!
- ZACARIA - (Olha Cesário) - O baio não tá adelgado, mas assim mesmo aceito o jôgo. (Abre a guaiaca).
- CASTIANO - (Entregando seu dinheiro a Graciano:) Cásio aqui na mão do Seo Graciano.
- ZACARIA - Aqui também vai o meu dinheiro.
- CELITA - Nada disso, nada de jôgo. (Avança até o pai, pega o dinheiro de Castiano e devolve para ele. Pega o restante e vai devolver a Zacaria, mas interrompe o gesto e guarda o dinheiro no próprio seio:) Pode fazer falta "mais tarde" lá em casa. (Retornando à sua posição, olha Zefinha que está enchendo cuia de chimarrão:) Veja só, ein, Zefinha! Dois índios sapateadores vão se pegar por tua causa.
- ZEFINHA - Os dois são mui bueno, qualquer dos dois que ganhe eu estou contente. (Alcança a cuia a Cesário. Carinhosamente:) A meu pedido, tu faz a primeira figura. Tá, Cesário?
- CESÁRIO - (Carinhosamente:) Sim. Está bem.
- CASTIANO - (Para o grupo:) Mas afinal, quem é que vai ficar de julgador da Chula?
- CELITA - Eu acho melhor é o Vírsio, pois dança tão bem como o Cesário ou o Gateado. (Para os contendores:) O que é que vocês acham?
- CESÁRIO - O Vírsio me agrada.
- GATEADO - Concordo.
- GRACIANO - Então tá. Vírsio! (Olha em redor:) Uei, dnde é que tã vírsio? Graciano, Celita, Canguçu e Zacaria procuram Vírsio, chamando-o e olhando principalmente pelas janelas e pelos cantos do rancho. "Ô, vírsio!!"
- NÉRSIO - (Malicioso:) Gente...! A Nadina também sumiu...
- Daí a alguns segundos surgem do "escurinho" à esquerda, além da carreta, o Vírsio, bastante descabelado, e a Nadina, ele à frente e ela seguindo-o um passo atrás. Há um silêncio malicioso, enquanto Vírsio pergunta muito desajeitado:
- VÍRSIO - Vancês me chamaram, é?
- GRACIANO - (Pausa.) Tô achando que chamemo...
- Nadina "cotuca" Vírsio para que este diga alguma coisa. Como ele se mantém calado, ela fala com caradurismo:
- NADINA - Pois é... não é? Eu tava ali... nós vimo um barulho que parecia assim um trote de cavalo... eu fui dar uma olhadinha com o Vírsio... podia ser o meu irmão chegando pra me buscar, não é?... e...
- GRACIANO - (Imperturbável:) Fez bem, fez bem... Quando nós tudo tava preocupado aqui com o Cesário e o Gateado, podia muito bem o teu irmão chegar, munta coisa podia acontecêr e nós nem se dava conta... (Os demais escondem o riso.) Vírsio! (simulando repreensão:) Tu sabe por que nós te chamemo? (Vírsio esbugalha os olhos, temeroso. Graciano sorri do "susto" que deu, e completa:) É pra tu ficar de julgador da chula, rapaiz:

VÍRSIO - (Relaxa a tensão, e sorri meio abobalhado:) Ah a Chula? sim, tá bem. Mas... que Chula o senhor tá falando, ein?

GRACIANO- ("Cheio":) Do Gateado e o Cesário disputando u'a marca, sei! (Sai)

VÍRSIO - (Olha em torno, para ver se alguém explica:) E quem vencer...?

CASTIANO - ... dança a marca com a Zefinha.

VÍRSIO - Ah, tá bom, tá bom, linda idéia. (Assumindo o comando:) Pois então vamo lá, Gateado e Cesário. Cadê a lança?

NÉRSIO - (Voltando do fundo:) Tá aqui o sarrafo. (Dirige-se a Graciano à porta do rancho:) Mas Seo Graciano, agora eu tive pensando numa coisa: será que dava pra eu entrar no desafio também? (Deposita antes sarrafo)

VÍRSIO - Tu também quer ganhar, pra dançar a marca com a Zefinha?

NÉRSIO - Não, não é isso, mas... (Para todos, implorativo ao máximo) Se eu vencer o Gateado... o Gateado e o Cesário... os dois junto... os dois! ... vancês deixam eu declamá "O Cachorro do Finado Bento"?

Vírsio suspende Nérsio pelos fundilhos e vai depositá-lo no interior do rancho, enquanto a maioria aplaude (Não incomoda, Nérsio! Muito bem, Vírsio, bota ele pra fora, etc.) mas Celita e Nadina e Zefinha ainda concordam: "Deixa o pobre declamar, está com tanta vontade, poitado, etc."

GATEADO - ~~(Usando Ruana xaxaxsuxkaxa)~~ Mas afinal, como é que combinamo essa chula?

CESÁRIO - De repetição, serve?

GATEADO - (Encontram-se ao meio do sarrafo:) Quem não puder repetir a figura um do outro, perde, é?

CESÁRIO - Tal e qual.

GATEADO - (Presunçoso, debochado:) Então vai ser um brinquedo pra os meus pé! (Vai voltando, para sua posição à extremidade do sarrafo).

CESÁRIO - (Num tom baixo:) Em vou te dar "brinquedo"...! Como já te dei na adaga.

GATEADO - (Volta, reagindo no mesmo tom:) Mas não esquece que agora não vai ter ninguém pra nos apartar.

CESÁRIO - Se nos apartaram, foi sorte tua.

GATEADO - Ou tua?

CESÁRIO - (Para o que der e vier:) Ficou alguma dúvida?

Vírsio percebe a anormalidade do diálogo e se interpõe. Gateado olha Vírsio e respeita-o como o julgador. Depois olha Cesário, adiando o reencontro:

GATEADO - Não há de faltá ocasião pra nós conversá, depois.

Gateado vai para sua extremidade do sarrafo. Cesário chega até a outra ponta, retira a adaga, atira-a de ponta sobre o banquinho l4, deixando-a a balançar.

VÍRSIO - (Com autoridade:) Pronto, então?

GATEADO - Pode largá.

CESÁRIO - Por mim tá.

ZEFINHA - (Apanhando a mão de Cesário, num voto de boa sorte:) Tu é que começa, Cesário...

CESÁRIO - Eu sei. E vou ganhá!

RUANA - (Colocando-se junto a Gateado, carinhosa:) Eu vou ficar do teu lado. Pra dar sorte.

Gateado apanha uma das mãos de Ruana, carinhosamente, naqueles últimos segundos enquanto não começa a dança-desafio.

VÍRSIO - Gaitreiro! (Canguçu dá o acorde inicial). Venha seu Mestre Chula seu Chiliador e dê uma paradinha! para o tocador.

Os demais se dispõem como assistentes ao longo do sarrafo.

Desenvolve-se o sapateio da Chula (ganhar tempo, repetir em seguida, só fazer bate-pé de preparação quando se trata de recomeçar com figura nova). Ruana torce por Gateado, e Zefinha por Cesário. Cesário começa a ter o apoio de Celita, que corre para o lado dele após uma bela figura. Nérsio volta ao terreiro e começa a aplaudir Gateado. Os demais aplaudem um e outro. Ao tentar repetir uma difícil figura de Gateado, Cesário cai. Zefinha e Celita ajudam Cesário a levantar-se, enquanto os demais cercam Gateado, cumprimentando-o. (Depois disso, Nérsio irá para o rancho).

RUANA - Eu te dei sorte! Eu te dei sorte!

GATEADO- Gracias, Ruana, gracias.

GRACIANO - (Entusiasmadíssimo, ergue sua voz sobre o zum-zum) Isto sim! Assim tá direito. Isso que é jeitio de se lutar por uma moça. Até parece moço do meu tempo! No meu tempo é que os rapaiz sabiam se portar como cavalheiro. (Todos se calam, ouvindo-o). Uma vez, em Bagé, tava eu e o tenente Camino,

VÍRSIO - (Berra:) Bamo calá a boca! Bamo calá a boca! (Graciano perde o jeito.) (Solene:) Ganhou a Chula o Gateado. Tem então o direito de escolher uma marca pra dançar com a Zefinha. (Todos aplaudem).

GATEADO - Pra dançar com a Zefinha, qualquer dança é um prazer. Ela que escolha, no mais.

ZEFINHA - (Desinteressada:) Eu?... Então a Chimarrita.

GATEADO - A Chimarrita, tá lindo. (Em geral:) Mas todo mundo tem que dançar com a gente.

CESÁRIO - (Atencioso, amigo:) Não é dessa vez que eu danço contigo, Zefinha. Mas não há de faltar ocasião...

ZEFINHA - (Sensibilizada:) Se Deus quiser, Cesário.

ZACARIA - Bueno, se o Gateado exige que todos dancem, eu quero falar uma coisa. O Cesário, apesar de ter perdido, mostrou ser um sapateador de lei, e não merece ficar de fora da dança. (Leva Celita até ele). A Celita faz questão de dançar contigo.

CELITA - (A princípio, com alguma surpresa.) Sim, é um prazer dançar contigo.

CESÁRIO - (Gentil:) Mas e o noivo? Não vai dançar?

ZACARIA - (Encaminhando-se a Ruana:) Burro maneado também pasta. Se a Ruana se agradar...

RUANA - Dançar com o noivo?! Que coisa boa!

GRACIANO- (Apontando Nadina e Vírsio, enlevados:) Esses dois nem precisa convidar pra formar par: o par já tá grudado. (Em geral:) Bueno, está formada a tropa, agora é largar prá estrada. (Imitando gritos de tropeada:) Era boi! Era 'aca! Tchahá! Hibahahá!

CANGUÇU - É a Chimarrita!

Danças. Seo Graciano, alegre, também chama atenção, assumindo uma atitude de "mandante", dizendo coisas como "Agora abre as fileira", "Voltando", "Cruzando", etc., até chegar próximo à carreta.

Numa das pequenas pausas da melodia, Nérsio aparece à porta do rancho e grita fortemente, mas sem entusiasmo:

NÉRSIO - Seo Graciano! Canguçu!

Canguçu interrompe a música por um instante, a dança pára, todos olham Nérsio.

GRACIANO - Que é, guri? Já vem incomodar de novo?

NÉRSIO - (Totalmente desinteressado:) Não, Seo Graciano. É a Sia Bela. Ela manda dizer que as rosquinha já tão pronta...

GRACIANO - Até que enfim!

Há uma desabalada carreira, de todos, para o interior do rancho, quase levando Nérsio de arrasto, e alguns contornando pelo canto lO. No interior continuam vozes alegres de "me dá uma, Sia Bela", "não empurra", "tem doce pra todos", etc etc., enquanto Nérsio vem muito desanimado até primeiro plano, olha o público, olha na direção da porta, olha para o público e fala:

NÉRSIO - Como a gente padece pra vencer na vida... Até umas porcaria dumas rosquinha faz todo mundo correr, e pra mim ninguém dá importância. Mas eu sei por que eles não deixam eu declamar. Eles têm medo que eu, declamando, tome conta da festa e faça sombra pra eles. Mas não é nada disso: eu declamo é porque tá na minha alma, não é pra querer aparecer. Mas eles não compreendem. (Com exagerada emoção:) Só vocês, os únicos que me deram atenção, podem me compreender. E é por isso então que (em super-vibração:) numa homenagem fora do natural, vou declamar pra vocês "O CACHORRO DO FINADO BENTO!"

É de minha lavra, e diz mais ou menos assim:

(Com todos os cacóetes estereotipados de um declamador típico:)

Que lindo cachorro baio
que tinha o finado Bento!
Nas tropeada e nos rodeio,
seguia o finado Bento!
Mas veio a revolução,
chamaro o finado Bento!
Pegou a lança e a espada
e lá se foi o finado Bento!

Zacaria e Celita atravessam o cenário, vindos da porta do rancho, ela trazendo sua trouxinha de roupa, ele com passos largos e ela com passinhos miúdos quase correndo, Celita ainda olhando para o rancho a ver se não foram pressentidos. Enquanto isso, o pano ~~vai~~ fechando lentamente e Nérsio continuava a declamar:

A tradição farroupilha
esporeou o finado Bento!
Três caíram degolado
nas mão do finado Bento!
E a sangueira que subia
jorrou no finado Bento!
Tomou banho num açude
-- nadadô/, o finado Bento! --,
trocou camisa e bombacha
-- cheiroso, o finado Bento! --
e foi noivar com uma prenda
em Santana do Livramento.

Contrabando na fronteira
foi lei pra o finado Bento.

(E por aí afóra)

Fechou o pano.

Quando reabre, Nérsio já está meio sem voz, cansado, mas ainda declama, ajeitando a voz na frase "o finado Bento", enquanto os demais atores vão voltando, de um a um ou aos pares, com as moças fazendo o giro-saudação em primeiro plano, enquanto Canguçu e Castiano recomeçam "18 DE JUNHO", parte final, para rápido show de encerramento.

PANO FINAL